This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
L866ma

A 858,841

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

«MARQUES»

« MARQUES »

DO MESMO AUTOR:

Poesias escolhidas (1898-1901).

A SEGUIR:

O Encoberto (poêma),

AFFONSO LOPES-VIEIRA

«MARQUES»

(Historia d'um perseguido)

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5—LARGO DE CAMÕES—6

1903

867.8
L56ima

Typ. a vapor da Empresa Litteraria e Typographica

178, Rua de D. Pedro, 184 — Porto

63- 37994

I

Marques não era *Marques:* — era Marcos. Mas toda a gente lhe chamava *Marques!*

Marcos soffrêra com salivações amargosas na bocca esta corrução do seu nome, e com uma vontade de lhes bater, nelles — a quem ninguem estragava os nomes.

Mas não batêra nunca...

— Adeus, oh *Marques!*

Ficára *Marques* para todo o sempre.

Quando eu o conheci, Marcos morava num terceiro andar de predio pacifico, numa rua intima a que o sol, de manhã, illumi-

nando frontarias de casas descaiadas com lojinhas de capellistas e uma piquena farmacia, (a Pharmacia Sylvano) dava aspectos de rua provincial, provincialmente calma. Elle era casado, empregado da Administração, morrêra-lhe uma filha de cinco annos, e vivia decentemente.

Mas ao tempo do nosso conhecimento já a vida de Marcos ia no cabo d'uma estranha peregrinação; e já os seus trinta e quatro annos de sentimentos amoraveis pelos seus, de decorosa dignidade em guerra com uma sorte singular, lhe haviam cavado na cara assustadiça e séria uma longa ruga, marcando-a toda como com uma chicotada.

Como o conheci eu? Como me intrometti na sua vida, pobre heroe morto, espêlho e flor de desgraçados?

No dia do seu entêrro, por uma manhã de grande sol que tornava cruamente visiveis as nodoas e a poeira nos nossos fatos pretos de convidados — é que me recordei, longamente, embalado pelos solavancos da sége a passo pelas ruas mal calçadas, d'aquelle dia, das circunstancias...

Isso esquecêra-me: tão banal me parecêra.—Não era tal! agora reconhecia-o. E mesmo depois Marcos m'o fizera vêr, no periodo agudo das suas entreabertas confidencias, quando desabafava comigo, julgando-me amigo fiel... Amigo fiel? Como se este homem pudesse ter amigos,—este *Marques!*

Eu espiei-o, *para fazer um livro.*

Foi numas férias grandes, por um verão suado e calido, que eu vi Marcos pela primeira vez.

Era um domingo; iamos para Belem, num americano. Defronte de mim sentou-se uma senhora nova, tipo de burguesinha remediada, vestida de escuro, quasi com sobrio gosto—e um homem. Este homem era Marcos.

Não sei porque, logo me interessou este senhor baixo e atarracado, de cheio rôsto morêno, onde abriam lealmente, assustadiços mas graves, dois grandes olhos castanhos d'uma limpidez e d'uma intelligencia puras.—Porque me interessaram estes olhos que se fixavam na gente movidos por uma vontade que logo amolecia (assim me

pareceu) porque logo tambem se desviavam, *fingindo não ter olhado?*

Oh, o misterio das mascaras! A Carêta dos homens! Um pianista, numa feira, era ruivo e usava oculos negros. Tocava num piano de cauda que fôra talvez precioso e agora era toda uma orquestração de sons enfermos: sons com ferrugem, com poeira, com agua da chuva, com frio do vento; com pena de nascerem, de vibrarem, de se ouvirem.

Ninguem reparava no pianista. Ninguem se importava com a musica...

—Duas cervejas!

—Um copo de Carcavellos!...

E o pianista, ruivo, d'oculos negros, debruçado nesse poço de Musica, impassivel e vago, do poço profundo tirava baldes de sons e despejava-os com fadiga pelo *café*, alinhando-os, desbastando-os até se disciplinarem no compasso coçado d'uma valsa.

E lembrou-me o pianista este senhor do americano, tão desinteressante, realmente, naquelle americano por aquelle domingo,—porque ambas estas caras, estas enigmaticas trombas de Dôr, me rasgaram dramas diante dos olhos, incomparaveis

humilhações, dias e noites de inconfessavel tragedia, dôresinhas enormes — a do pianista ruivo, a d'este sujeito de chapeo de côco, defronte de mim, tão desinteressante, gosando um domingo...

O carro vogava, arrastadamente, como bateira roçando a areia, ao trote suado de duas mulinhas.

O dia, todo de sol, não alegrava a Vida.

O estupido sol, o vaidoso sol!

Todas as rugas, todos os trapos, todos os aspectos, todas as dôres, esta doirada, refulgente, gloriosa bêsta encharca com a gloria da sua estupida luz, bemdita luz!

A Cidade era negra, debaixo d'essa poeirada chuva de corrente e fluido ouro: negros os casarões, que a luz nos dava descaiados, informes como bahús estoirados, todos com nodoas nas paredes e immensos detalhes de pedras mal juntas, de rebôcos humidos, e cabaninhas verdes entaladas ás bandas das cosinhas, propicias como grutas e de monoculo. Negra a rua, que era um rio transbordante da luz ironica; e viam-se tipos de mal dormidos, de exhaustos que a luz brutal desmascarava ás gargalhadas, picando-lhes nas nucas as enxa-

quêcas fundas. Fatinhos coçados brossados com ancia, que importa? A luz lhes alargará os buracos, lhes espalhará as nodoas. E mulheres passavam, voluptuosas nesse banho voluptuoso, aquecendo os corpos como offertando-os a beijos, e com olheiras mais bistradas á luz, pormenores desalinhados de sáias de baixo, de botinas manchadas...

Nas cidades a luz é deformada e é *outra*. O raio de sol que jornadeou luminosamente pelo espaço, atravessou regiões escarpadas d'infinito, penetrou como um fluido as projecções e as nuvens, e emfim cantou o seu hino de peneirada luz na Terra — é diverso e todo outro conforme illumina uma arvore ou illumina uma tabolêta. Apertada entre os predios altos que a projectam crua, embrulhada nos arames, empoçando nos póços das ruas e, sobretudo, tocada da feialdade refrangente dos aspectos sobre que escorre, essa divina luz ei-la tórta e dolorosa, por modo que desconhecerêmos o sujo sol das cidades se um dia, da tolda d'um navio ou do alto d'um monte, mergulhamos na luz os olhos contentes da luz.

Assim, emquanto distrahidamente con-

siderava a Cidade ao sol, mettêramos pela beira do rio.

Redemoinhantes fantasias de poeira, correndo no longo cais, esse pó da Cidade, escovado de todas as sujidões por todas as miserias, cegáva-nos, suffocáva-nos, erguido na aza do vento môrno, empastando no suor das faces escarlates.

Defronte de mim, Marcos apoiára as mãos na bengala. Bisbilhotei na sua toilette. Vestia um jaquetão escuro; pusera colarinhos baixos (com que sempre depois o vi) que lhe desafogavam o pescoço curto. Adivinhava-se em toda a sua pessôa um cuidado culto, embora modesto.

Mas o laço da sua gravata ia á banda. E quando Marcos o aconchegou, por habito, com a mão, entortou-o ainda mais — concertando-o ás avessas.

Reparando que eu o observava, elle levantou os olhos e pregou-os nos meus, com firmeza. Sustentei serenamente esse olhar: e logo elle voltou a cara, com uma ruga visivel de contrafeito — fingindo, muito mal, olhar despreoccupado para o rio...

Creio que foi nesta altura que o conductor nos veio vender bilhetes. Paguei o

meu. A seguir, uma dama de vestido de seda (gôrda como se fôra uma escultura desbastada em nadegas) recebeu de trôco uma mancheia de cobre. E já Marcos, a quem o rispido conductor ia em seguida perguntar «para onde desejava?» mettia a mão no bolso em busca da carteira.

Mas o seu gesto, negligentemente esboçado, perturbou-se apenas a sua mão penetrou na algibeira. Vi-o remexer nos bolsos do casaco, depois nos do colête, com dois dedos; e depois palpar as algibeiras das calças.

Abrasadamente córado, olhava para a mulher — que percebêra, espiava os seus movimentos, o interrogava muda. Os passageiros gosavam; havia um arsinho de prazer mudo, que o fitava antes de o soccorrer. O conductor repetira já, rispidamente, «para onde desejava?»

Marcos tentou ainda, num sobrehumano esfôrço, dominar a mesquinha difficuldade que o envolvia. E abrindo um sorriso amarelissimo, um sorriso que me fez doêr, um sorriso, em roda, para nós que não sorrimos — disse-nos a meia voz:

— É bôa! Não trago dinheiro!...

Então eu, erguendo o meu chapeo, pedi

licença para prestar áquelle senhor um pequeno serviço. E antes que Marcos, mudo e escarlate, tivesse tempo de m'agradecer, dei o dinheiro ao conductor, que esperava.

II

Nascêra na provincia, em dia d'Entrudo.

Esta singularidade de assomar á Vida em terça-feira gôrda sempre trouxera a Marcos dissabôres. E, oh! como a historia do seu nascimento (a qual, não sei por quem, elle sabia) era uma coisa abominavel, unica.

Porque este homem até para nascer mereceu á Vida a miseria de ter historia.

E até para morrer...

Quando se punha a lembrar, ás vezes mesmo na repartição, dias d'infancia, Marcos mal revia uma cidadesinha alegre num

districto longinquo, onde havia uma Sé, uma cadeia triste e a casa d'elles (do Estado) num cotovêlo de ruela apertada entre altos predios caiados.

A cadeia muito triste! E lembrava-se...

Sahia ás tardes com o pai, encafuado todo o dia no Correio, que o levava pela mão, rebocando-o atráz das suas pernadas lentas e largas de distrahido. O pai era triste. Diziam que a morte da mulher o transtornára, lhe espalhára mesmo o antigo talento, reconhecido na cidade — e Marcos ouvia no seu ouvido uma voz grave e remota, ouvida em piqueno — *de funccionario zeloso e cumpridor dos seus deveres.*

O pai era triste; isso era. Rebocava-o, distrahido, atráz das suas largas e lentas pernadas, que o piquenino mal acompanhava — quasi a correr, meio pelo ar... E, quasi sempre, atalhavam pelo caminho que conduzia ao terreiro da lugubre cadeia que Marcos revia agora, insistentemente.

Era a mais saliente visão d'infancia, esta cadeia que fôra real palacio e mosteiro, com um soberbo ar todo trôpego, torres verdoengas e musgosas, e uma velha imagem de Santo num grande nicho de azulejos partidos. O pai gostava d'esse ca-

minho. A estrada era sósinha, entre arvores; raramente se encontravam conhecidos. A outra gente ia pâra o *jardim*, — o da cidade, — aonde se namorava, se palitavam com pachôrra os dentes; ou para as estradas d'arrabalde, em ranchos divertidos que o major Caldas commandava, mettendo-se á bruta com as moças que passavam, descalças e rijas, trotando na poeira; — ou para onde havia vistas alegres p'ra os olhos, e Marcos ouvia no seu ouvido outra esquecida voz, mas de mulher, que esganiçava esta outra frase: *que de tristesas 'stá o mundo cheio*...

Ás portas da cidade a cadeia erguia-se, em frente a terras de hortas e pomares. Ás janellas gradeadas, que destacavam como lócas negras nas paredes do casarão, os prêsos encostavam-se, a olhar p'ra fóra. Outros punham as mãos de fóra das grades, mãos pendentes, sem braços...

Porque se apagára quasi tudo na distancia e a cadeia tão salientemente a revia? Talvez por ser o passeio costumado com o pai, que o rebocava atraz das lentas e largas pernadas que o piquenino mal acompanhava, quasi a correr, meio pelo ar.

E a cadeia mettia-lhe um grande mêdo.

— Oh papá, porque estão elles prêsos?

Havia mesmo um velho, um de grandes barbas e d'olhos azues que ria um bom riso d'avô patriarca.

Uma vez, vendo-os passar no caminho, o velho chamara-o:

— Oh meu menino, oh meu menino, dê-me uma esmolinha!

E Marcos, ouvindo a voz do velho prêso, vendo-o de braços estendidos, com as barbas espalhadas nas grades, sentira um terror louco, um terror louco e sumira-se no pai, todo a tremer!

Mas o pai convencêra o menino da vergonha, da dureza d'aquelle medo — que até o velho, coitadinho, tinha decerto pena de metter mêdo ao menino...

— Oh papá, elle viu que eu fugi?

E o papá déra-lhe então uma moedinha de cobre para, na volta, a dar ao velhinho da cadeia. E tinha-lhe depois pegado ao cólo, erguêra-o á altura das grades — e Marcos, com a moedinha na mão, tremendo mas sorrindo, déra os dez reis ao velho, que ria para elles o bom riso, agradecia a esmola do menino.

III

Elle lembrava-se... D'entre rasgões de esquecimento, perfis passavam, desgastados e vagos, e paizagens tão longinquas que mal lhes percebia os contórnos atravez nevoeiros que as adelgaçavam.

O pai morrêra, e Marcos não se lembrava.

A tia Maria da Pureza — a tia Pureza — viera buscá-lo, vestira-o de preto.

A tia Pureza era pilada e rispida; nunca o beijava, dava-lhe sempre a mão a beijar; e ensinava-lhe a Doutrina:

— Quantas são as Virtudes Theologais?

— Tres: Fé, Esperança.....

— E Caridade, burro!

Marcos aprendia a lêr, por esse te
na aula do professor da cidade, e um
da aula era o sobrinho do sr. goverr
civil, garotinho escrofuloso que um p
acompanhava á escola, sobraçando os l
e o lanche.

Este menino, a quem o mestre se
çoára com deferencia (o policia levav
até os cumprimentos de s. ex.ª), pi
uma vez na grammaticazinha de Ma
com grande despeza de tinta, uns bor
sem olhos, sem narizes, sem boccas,
que dançavam com gambias copiosas r
ronda macabra de doidos. Logo o me
no dia seguinte, viu o compendio ao
car a lição — e Marcos estivera de c
go, com vastas orelhas de burro enfi
na cabecinha triste e pallida do luto
pois de lhe racharem as mãos com pa
toadas.

IV

Quem lhe falaria da mãe, morta do parto nessa pavorosa terça-feira gôrda?

Marcos não m'o disse, nem eu gostava de fazer perguntas. Mas elle contou-me esse horror, passeando comigo, uma noite em que os seus dois amigos, o poeta Bemvindo e Roldão, amanuense, o tinham abandonado p'ra irem ao coliseu vêr os leões.

Moravam no Correio e defronte morava o major Caldas, o querido, o gôrdo, o divertido Caldas, que tinha tres filhas, roía as unhas e dava bailes.

Naquella noite, exactamente, Caldas dava um terrivel baile. A rua era estreita.

No quarto da mãe de Marcos (que era linda, d'uma belleza serenissima e suave) ouvia-se, como se ouve no quarto d'um morto o voar d'uma mosca, todo o alarido, toda a confusa e leda matinada do baile.

Com as janellas da sala abertas, o major Caldas, radioso, saltitando, suando, commandava os bailarinos:

— Cavalheiros: *ordinario, marche!*...

Dançavam, dançavam, dançavam. Caldas marcava e penetrava aos berros nessa alcova de afflictos com a sua voz militar, grossa, estupida, com a gósma imperiosa do mando:

— *Direita volver*, cavalheiros e damas!

A senhora desfallecêra; e a parteira, que o barulho do baile distrahia e sorria da graça de Caldas, pedia um medico, chamava p'la Virgem, assoava-se afflicta.

Era um ataque, um terrivel ataque!

O papá gaguejára, empurrára a parteira:

— Vá buscar o medico!... Eu vou!...

E despenhou-se p'la escada, rolou na rua, correu por ella, voltou atraz, desabotoado e arquejante, querendo p'ra ali um medico — com o terror de o ir procurar abandonando a mulher com um ataque!

Caldas commandou ainda:

— *Descançar armas!*

E entre risos felizes de mulheres que riam da graça de Caldas, ao som dos mios derradeiros do piano, o desgraçado, sacudindo o seu rapido turpor, uivou para cima em destemperadas vozes, a chorar:

— Está ahi o medico? Oh sr. major! Está ahi o medico?...

Veio logo gente ás janellas.— Que era? Que era? Lembravam-se d'uma partida, d'uma grossa peça d'Entrudo! E debruçavam-se, medindo a sombra da rua, rindo.

Da sombra, a voz uivava:

— Oh sr. major! sr. major! Oh sr. major!...

Caldas, então, veio á janella e, militarmente, berrou de cima:

— *Quem vem lá?*

Alguem lembrou: a rapariga ali do Correio que estava gravida; o marido que chamava um medico.

Na sala já mulheres rodeavam o doutor Esteves, o poeta, o janota, o amavel medico da cidade.

E o doutor Esteves, vestido de palhaço, com guizeiras de cavallo ao pescoço e chapéo de funil na cabeça, todo em guizos e

azes de copas, desceu maçado as escadas, guizalhando a cada degráo, batendo as largas pantalonas de clown, e penetrou na casa do Correio.

E o papá, sem ainda compreender, vira depois nos braços da parteira, arrancado d'um cadaver que um palhaço amarrotava — um bichinho agitando as perninhas no ar, e ganindo, ganindo, ganindo!...

V

Iamos, uma vez, pela beira do cais. Era por um crepusculo tão triste que nos fazia mal, aos tres — porque o corcunda, o Amanuense, tambem ia.

Do rio levantava-se um frio fino que nos vestia, nos vinha gelando, na penumbra da tarde agreste e só. Marcos, entre nós dois, caminhava cabisbaixo; e eu via-lhe, sem que me elle visse, o grôsso perfil um pouco rombo, mas suave apesar da desconfiança dos labios...

— Tarde linda, hein?

— Está frio.

Que diabo! Era impossivel ser-se amigo d'este *Marques!* Nem eu acredito que elle tivesse amigos.—

Este corcunda, que me inguiçava e que nunca me poude ver — era um vadio. Eu não acreditava no talento do *outro*. Mas porque se punha este *Marques* a fazer de triste para a gente?

E tinha sempre as mãos lentas... Mas porque acreditaria elle em mim?

— Meninos, vocês já repararam no mistério d'esta hora, na Cidade?

(Este corcunda, o Roldão, era um filosofo. Fazia frases; eu achava-as detestaveis).

— Accendem-se as luzes... Hora singular, na Cidade!

Não é o lusco-fusco dos campos, a boquinha da Noite que se abre com somno e repoiso quando a sombra, suave como uma chuva de sombra, começa a cahir, a descer enrolada ás arvores, mansa escorregando... Aqui, esta hora é perturbadora e, ao accender das luzes, accendem-se os desejos dos homens, despertados do turpor do seu dia de trabalho ou do seu dia vazio — em todo o caso do seu dia de Dôr. Accendem-se os desejos! As montras das lojas illuminam-se e os fartos veludos, as pedras fulgentes, os dourados oiros são a esta luz, ante os olhos das criaturas, mais

fartos, mais fulgentes, mais dourados. Accendem-se as luzes... Vejam!

Agora, em muitos bêccos, em tantas miseras ruazinhas d'amargura, a vida começa com o começo da noite. Ha gente que se espreguiça agora, que agora mesmo accordou para labutar *no seu dia*. Ha mulheres que restauram as farrapagens, esfrangalhadas na vespera p'lo amor e p'las pancadas. Ha os esfaimados (multidão em que os nossos Chefes não acreditam...) que espairecem a esta hora, a tomar o fresco, e pizam com pés chagados as bellas ruas dos ricos, em que de dia nunca ousaram penetrar. E passeiam agora; e agora farejam, ao accender das luzes nos *cafés*, as portas das cosinhas, com a gula dos arômas! Ha os rôtos, os que teem os fatos na espinha e que o crepusculo misericordioso remenda, que roçarão agora dignamente com as pelissas que recolhem a fartar-se. Rapazes, vocês entendem o que diz esta palavra de tão faceis rimas: jantar?

Imaginem em quantas cabeças, cheias de illusões ou cheias de revoltas, cheias de cubiças ou cheias de piólhos, um crepusculo faz erguer este problema: jantar!

Marcos ouvia-o, certamente ouvia-o e até

gostava, pareceu-me que gostava. Olhei-o, desprendendo-me do seu braço; e vendo-o ao meu lado, assim murchamente caminhando, com o chapeo bastante enterrado na nuca e attencioso recebendo as frases do corcunda — porque o odiei? porque tive vontade de fazer-lhe mal? de lhe chamar o *Marques?*...

— Sim; esta hora é fecunda e tragica na Cidade. A dôr dos homens põe-se em carne viva e a dôr das coisas exhala perfume como as flores que só respiram na sombra.

As mulheres entram de possuir a Belleza, toda a fascinação com que a sombra as veste, animando a pintura das velhas, alindando a dureza das feias.— Mirem, a esta hora, as patinhas reluzentes das mulheres nos passeios... Os adulterios ajustam-se, os casamentos desfazem-se!

E, a esta hora, vocês verão homens concentrados, empurrando os que passam, espiando relogios.

Têm uma entrevista. Talvez uma mulher casada. A hora attrai-a!

Accendem-se os desejos, e a Cidáde quer tragar ou quer amar!

O rio picava-se de luzinhas. Uma ara-

gem bem afiada barbeava-nos. E uma voz subiu da agoa, monotona.

— Bemdita Hora, por que não te erguem os homens altares de cinzentos brocados, onde sacerdotes consagrassem as cinzas, com missas por alma dos que nunca puderam gosar o sol? De mais, vejam vocês: onde recolheram os crentes o seu Deus? Nas cathedrais — crepusculo eterno.

A esta hora, em quantos cerebros pensamentos formigam, como caterva de larvas que o crepusculo criou, com o crepusculo vivêram... Quantos maridos que adoram as mulheres não pensarão, olhando-as com ternura: Se tu morrêsses, ficava eu livre!

E a Cidade, sob o crepusculo, é uma grande féra que furiosa e languidamente desperta para tragar mais uma noite.

Vêem essas nuvemzinhas rôxas, ali por cima do casario? Estão carregadas de influxos occultos, de perturbante influição em certos destinos... E porque as consideram agora do alto d'uma trapeira, ao nivel musgoso dos telhados, um poeta pensa em matar-se, uma virgem em prostituir-se.

Os céos de sangue derramado em ouro trarão a pensativos assassinos lindas qui-

meras de perfeitos roubos, de bem acabados assassinatos.

E olharão a esta hora os mórnos céos, com as mãos nos bolsos amimando as armas e os seus meditativos olhos afogados na sangueira do crepusculo.

A Cidade vive a sua mais intensa hora.

Olhem a Sombra: como desce, como sobe, como paira...

E sobre todas as miserias, sobre todos os vicios, sobre todas as humilhações, sobre todas as quimeras, o crepusculo abre as enormes azas vagas, de morcêgo e d'anjo!...

Eu irritava-me, floreava com a bengala, finjindo não ouvir. Este Roldão, este corcunda que arejava escarninhamente a marreca, com os seus braços de macaco, de luneta de cordãozinho — irritava-me, nunca lhe pude achar valôr!

Odiávamo-nos. Agora mesmo, a minha vontade era que alguem lhe batêsse sem piedade pelo seu maligno raquitismo, se lhe escarranchasse na marreca, lhe berrasse que elle era um anão, um corcunda, um amanuense!

Estavamos defronte d'uma rua ingreme; Roldão parou, apertou-nos as mãos. E com uma voz ternissima, que eu nunca lhe ou-

vira, uma voz que o emmeninecia, sob a qual a corcunda se lhe fundia, o raquitismo se lhe amaciáva:

— Meninos, deixo-os. Vou jantar. *São os annos da mamã...*

Ficámos sós. Tambem a nós o crepusculo invadia, traspassava da influição misteriosa de que o Amanuense nos falára. Já de luzes accêsas, a rua era um confuso canal nevoento e arfante da multidão que passava apressada para o jantar ou para o crime, cheio de sons e cheio de vaivens, com rasgões de vitrinas illuminadas para a sua prostituição da noite, e abafadamente ruidoso e baço como a cantiga de cem búzios nostalgicos do mar. A uma esquina uma velhota gorda, embiocada num lenço espanhol, moia uma valsa num realejo. Apregoavam-se jornais, frescos ainda do parto das maquinas, cheirando a tinta.

Adiante de nós palpitou um instante um parzinho de namorados encantados, elle loiro e de blusa, ella com uma trouxa nos braços, e tossindo e sorrindo ao que a levava. Desapparecêram.

Sim, elle tinha razão! Uma grande vida despontava com a aurora da Noite, a madrugada dos que soffrem.

E os cem búzios nostalgicos cantavam, repetiam o mesmo baço canto, entorpecendo, dando-nos sonho e Dôr irremediavel.

Eu perdera a noção dos logares; caminhava e já não via. Um nevoeiro fumoso subira ao meu cerebro, dispersava-me...

Achei-me atravessando um valle sósinho, enterrando os sapatos ferrados na terra fôfa e escura, por onde em valinhas sachadas para a réga a agoa vinha banhando os milhos.

Por cima dos crutos espigados e verdes um povoado esbatia-se no lusco-fusco meigo da noitinha. E eu sorvia o perfume da terra: era um aroma penetrante, seminal, um cheiro forte a torrão fecundado e vivo...

Um grito arrancou-me d'este turpôr, restabeleceu-me a vida:

— Eh, stepôr! não me vias?...

Diante de nós uma mulher descalça berrava para Marcos, que pedia desculpas.

— Pois, meu amigo, são horas de jantar...

— Veja o senhor! disse-me então Marcos, que emergia do seu silencio como um

homem que sái da bocca d'um pôço. Porque esbarrei eu com aquella mulher? Porque não esbarrou o senhor com ella? Porque razão ninguem mais esbarrará com ella, hoje, ámanhã, talvez em toda a sua vida?

Aqui está a minha vida...

A voz do meu amigo era sumida; o perfil illuminava-se-lhe, — o chapéo enterrava-se-lhe na nuca...

Aqui está a minha vida...

Eu sentia, ouvia quasi, no interior d'este homem a borbulharem, a borbulharem, lembranças de inconfessaveis desastres, segredos que vinham á tona dos seus labios já froixos para conter a nascente onda que subia. Via-o acurvado sob o pêso de memorias — coisas da sua vida — tragedias d'algibeira, lances de vergonha e de humilhação, espantosos dramas de dôr miúda e enorme, cada um dos quais, desgostante, chato, immenso, tinha marcado nesta criatura uma dedada negra de Destino.

Então, só então compreendi *Marques!*...

Aqui está a minha vida!

E então, só então, compreendi tambem a Dôr humana, a verdadeira, a humi-

lhada, a grande Dôr, não como os homens no-la dão nas suas artes, nas suas piedades, nas suas hipocrisias, mas como a Natureza a pariu — eterna, una e immensa.

Este sujeito de chapéo de côco, este empregado com um chefe obeso, este *Marques* que eu acompanhava por uma rua vulgar, ensinava-me a lição inolvidavel da sua dôr — por onde apenas me fôra dado compreender a Dôr.

E nunca os homens, os desnaturais humanos, me haviam feito *vêr*, surpreender, atravez milhares de paginas engenhosas, esse monstro monstruosamente desfigurado pela arte, pelo preconceito, pela conveniencia dos homens: a Dôr.

E jámais a vira, a compreendêra, porque os desnaturais humanos realmente a desfiguraram, com a mesma errada ancia com que desfiguraram a Vida.

Desfiguraram-na, á eterna, á una, á immensa Dôr, e ás Dôres que d'ella brotavam, como raios de sol brotam d'um sol, os homens com decencia e manha classificaram-nas, expuzeram-nas depois em compendios e em vitrinas, como fazem os sabios aos bichos d'um museu.

E os homens aprendêram, como eu

aprendêra, que havia dôres que deviam fazer rir e dôres que deviam fazer chorar; dôres para dias certos da semana, para certas datas do anno; dôres que tinhamos obrigação de esconder, dôres que tinhamos obrigação d'ostentar!

Aprendêram, emfim, como eu aprendêra, que havia dôres Nobres e dôres Pulhas — e que as d'este *Marques*, por exemplo, como as de tantos *Marques* do mundo, não eram dôres para fazer pensar nem para fazer morrer: eram apenas p'ra nos fazer cócegas.

Aqui está a minha vida!...

Era isso! A sua vida, a sua dôr, fôra um perenne esbarrar com criaturas que brutalmente esbarravam com elle — e com quem ninguem mais esbarraria! — e lhe chamariam depois um grandecissimo estupôr.

Emfim, eu comprehendia. E quando olhei Marcos, sempre ao meu lado, com illuminado perfil, um sorriso de martir na bocca e o chapéo mais enterrado na nuca — não foi já o Marcos que eu vi, não foi mesmo o *Marques*, o do chefe obé-

so, o que vinha comigo por aquella rua: foi uma enorme figura de sonho que me espantou, me fez cambalear na calçada, sentindo-me mesquinho e miseravel. Uma figura monstruosa d'olhos glaucos e graves onde mares de memorias arfavam, roçando com a cabeça os telhados das casas, enchendo a rua, atravancando a Cidade, transbordando da Cidade e do mundo!

Aqui está a minha vida, suspirava esta figura com um suspiro que me pareceu um suspiro universal, uma lamentação da Natureza, ouvida por Deus e por mim naquella rua, por aquella noite...

E neste suspiro tragico, como se aquella voz fosse tecida com fios innumeraveis de milhares de vozes dispersas, uma multidão infinita falava, desabafava com agonia: eram vozes de queixume desencontradas e empilhadas, todas sumidas como se o uso as desgastasse e a dureza dos homens as sumisse.

A sua vida era, então, uma obra por criar e por entender, mas que ninguem poderia realisar sem pôr ante o riso dos homens as infinitas lagrimas de dôr...

Porque os homens sempre acharão mais drama, mais emoção e mais nobreza num

[illegible]

[illegible]

VI

— Ora veja o senhor! Porque seria assim a minha vida? Chamo-me Marcos — *nome proprio!* Chamam-me Marques. Como ha de um *Marques* ser grande?

— Marcos, o senhor exaggera! O senhor exaggera...

— Que poderia eu ter sido? Um poeta? Um heroe? Um que triunfasse? Impossivel: o poeta *Marques,* o *Marques* heroe, o grande *Marques!*

— Mas, caramba! você é que esgaravata nessas coisas da sua vida! Você é que vive de olhos esbogalhados para a sua alma. Você é que...

— Desde piqueno, meu caro amigo, tudo

que faça, de achar uma boa resposta... Só me lembra depois. Uma hora, um dia depois!

— E então elles dizem-lhe coisas de que você não gosta, graças, hein?

— Eu tambem é que tenho a culpa: estou sempre á espera que elles m'as digam!

Sim; o mal d'esta criatura resumia-se em estar *sempre á espera;* e o que elle, Marcos, soffria, era apenas esta coisa formidavel: a inadaptação á Vida — a Dôr — desde que esperava sempre que a Vida lhe trouxesse ridiculo.

Mas esse ridiculo, afinal, o ridiculo de *Marques*, existia para Marcos sómente, tão real e unicamente existem para nós, adentro do universozinho do nosso ser, as felicidades e as desgraças, as illusões e os aspectos, sem realidade na Vida por sem realidade afóra de nós. O que é o ridiculo? É, tambem, uma paizagem interior, por nossas almas criada e vivida, e portanto logo soffrida; — imagem entrevista atravez d'essa especie de lunêta moral que assestâmos para o mundo, e em cujas lentes de miragem se criam fórmas e mo-

es da terra ou nós ambos que vamos por a rua...

— Ahi é que o meu amigo se engana! nbem eu quiz pensar assim — ser assim. senhor sabe lá!... Eu até tenho vergo- a de lhe provar... E mesmo o senhor via de sorrir... Eu cá bem sei que são uenas coisas — mas são muitas, e são ndes para mim — que diabo!

Olhe: esteve hoje um bonito dia, hein? n bonito dia! Quando sahi, pensei: isto de chover; ainda hontem esteve para cho-... E trouxe o meu guarda-chuva.— Mas o choveu; eu tambem já sei que não cho- nunca quando trago este maldito! Mes- hoje um collega admirou-se, com este dia le me vêr com este maldito! E o senhor encontrará realmente em toda a Cida- um homem que tenha sahido hoje com maldito d'estes!...

— Ora, meu amigo! E afflije-se com o...

— Eu não me afflijo. Eu digo o que é. o: mas é que ha coisas que só me acon- em a mim... Eu bem sei que a culpa é minha. Fui sempre muito atado. Quan- os outros me dizem coisas... de que não gósto, eu não sou capaz, por mais

faquear-nos á sahida, desafrontar a d
dade das suas almas e da sua obra.

Entretanto, sentada nas taboas da «
perior», qualquer pessoa sensivel, de
frivel delicadeza d'instinctos, com alg
experiencia da Dôr, vexar-se-á, rubor
se-á, soffrerá, emfim, com a idade da ac
com a anemia do hercules, com os pur
do fidalgo.

O pôvo ri-se, grita: — Lá vem a velh
— sublinha as coplas que a carcassa t
ca sublinha; os clarinetes miam; o ga
n'um gesto suprêmo d'amor, despreg
alfinêtes da quinzena... e toda esta s
ma de grotêsco affligirá, *existirá* port
para o espéctador afinado,— ao passo
vereis a carcassa, suada e escarrando, a
decer as palmas ironicas do publico!

Por exemplo: elle que reparasse: «
diculo nascer em dia d'Entrudo? Para «
inadaptavel, *era*. Para um esturdio, es
elle vendo: um «dominó» num baile
mascaras, uma ceia com uma pastorinh
para festejar o anniversario.

Claro! elle que acreditasse: o ridi
é, de todas as nossas illusões, a mais i
tiva, a mais theorica, a mais subjectiva
um momento, apenas, em que D. Quicl

se deve sentir ridiculo, e em que realmente o é: quando, á hora da morte, desfaz a quimera immensa do quichotismo...

De mais, Marcos que considerasse: o ridiculo, sobre ser uma illusão objectiva, é um verdadeiro atributo humano, a bem ganha condecoração da Vida. Aquelle versiculo devia dizer:

«No principio criou Deus a Terra, o Céo e o Grotesco».

Sómente, para que elle exista, reclamam-se almas e olhos que o *criem*... E—é curioso—na Vida o *solemne* é quasi sempre ridiculo—por um fio!... Quer dizer: quanto mais a Vida attinge a suprêma expressão de gravidade e de conceito, mais perto anda d'esbarrar na casquinha diabolica que um demonio singular, o que prestidigita as nossas emoções perante a Emoção, depositou no chão para ella esbarrar! Mas não ha ridiculos: ha Dôr. Onde começa o chôro? Onde começa o riso? Isto é vulgar. Os paizes da Dôr não teem fronteiras: soffre-se: eis tudo. Rir de certa dôr é poder rir da Dôr, e então toda a dôr é grotesca porque toda a dôr póde fazer rir. Ponham numa caveira uma cartola á ban-

da, encaixem-lhe um nariz, entalem-lhe um cigarro — e a Morte fará rir. Onde estão os heroes, os amorosos, os deuses? Vamos enfarinhá-los, enarigá-los, dar-lhes pançadas, que grande pandega! E as bellas obras, as bellas vidas, amores de legenda, divinos hieraticos — ei-los na praça a fazer rir.

A Vida é uma farça porque todos pagam á Vida o seu lugubre impôsto de grotesco. Todos!... Jesus Christo foi uma vez banal:

— Sr. Presidente, dêmos a Cesar o que é de Cesar.

Eu queria dizer ao meu companheiro estas e outras coisas, tão incoherentes e confusas, na intenção de o reconciliar com a sua alma, de o enobrecêr perante os escarneos de nascer no Entrudo, de ter sahido com chapéo de chuva... Se *Marques* é uma braçada, natural como todas as braçadas, da arvore Natureza, para que ha de *Marques* insurgir-se contra o tronco nodôso de que nasceu, contra as raizes que chupam na terra a seiva da sua existencia? Resignasse-se na irresponsabilidade; consolasse-se na generalisação! Porque, em toda a

Criação, por astros, mares, arvores, bichos, *Marques* brota, escorrega, bufa, soffre diante dos nossos olhos perpetuamente vexados de o vêr, diante das nossas almas perpetuamente vexadas de o sentir!

Na chusma infinita dos astros, quantos *Marques* esquecidos, distrahidos, arredados das suas orbitas, volteando no espaço com a mesma afogueada pressa, porventura com a mesma desgostosa consciencia de inadaptação e d'inhabilidade com que nós outros, cahindo na rua ou gaguejando de dôr, procurâmos rehaver a tranquillidade da harmonia, a plenitude de harmoniosamente seguir por um caminho bem direito, com uma consciencia bem perfeita, por uma atmosfera bem livre... Sobre a crôsta da Terra, pendidos ao seio da mãe admiravel, quantos *Marques* tambem nas arvores sem terra, nas hervas sem humus, nas plantas sem sol, nas searas sem agoa!

Numa volta de caminho amortalhado em poeira, uma arvore sósinha, revendo p'los olhos das ramadas altas a orla fresca da floresta, sécca e morre. Nunca deu sombra nem fruto — *nunca poude* dar sombra nem fruto. Um regatinho vem descendo com agoas simples que não sabem que ha

mar, mas teem um destino — o destino
seu fresco desliso entre as hervas, sobre
seixos, á sombra dos ramos. Uma vez, u
torrão esborôa, a margem abate: as ag
zinhas páram, num espanto humilde q
perturba a corrente; e logo se ajuntam
engrossam no esfôrço de recuperar o per
do caminhar d'outr'ora. Ha calháos, n
caminhos, que virão sempre ter ás pon
dos pés dos caminhantes, só p'ra sêrem
lados com dureza...

E todos estes sêres — *Marques*, as
desageitado, arvore inutil, calháo infeliz
são lascas diversas da mesma dôr, corp
differentes da mesma alma, formas da m
ma mediocridade, e terrivelmente poder
lançar á Vida, com o desastre da sua imp
feição, a accusação da Dôr á Vida que
criou.

VII

Casára por amor, affirmou-me elle.

Por amor, e *para nunca estar só*.

Tinha pavôr da solidão, talvez porque a solidão só lhe mostrava *Marques*.

E tinha pavôr da multidão, um grande pavôr de Toda-a-gente, talvez porque entre a multidão, a gente hostil, alegre ou apressada, elle se sentia mediocre, mazombo, sem nada que fazer fóra do emprêgo — irremediavelmente *Marques*. Tinha pavôr da multidão.—

Para elle, flanar por uma rua, de tarde, quando os passeios gemem sob a onda humana, as equipagens refulgentes deslisam e a Cidade vive a sua hora de luxo — para

elle isso era o fruto d'uma grande audacia!

E ou trotava pelas ruelas obscuras, corrido do brilho e da serenidade dos outros, ou tinha de treinar-se como para uma longa luta, e passava com um aspecto digno, vestindo-se de tranquillidade — mas com o coração prestes a resaltar, com os ouvidos bem apurados para ouvir e até, ás vezes, com os braços retezos para lutar, para bater!

Era um doido? Mas quem veria, quem se intrometteria com este diabo de *Marques?* Que teria este covarde de singular para que da multidão o apupassem, ella que só apupa os heroes que a cavalgaram, os que ella mesma amou?

Marcos sabia isto; mas o alvoroço do seu sangue subjugava a justeza do seu raciocinio, e sentia-se todo encolhido, timidamente encolhido dentro da concha da sua timida alma.

Ás vezes, ainda quando passeava de dia as grandes ruas, ás vezes bastava um pormenor, um nada, para lhe fazer latejar as fontes, retezar os braços — para o fazer andar mais depressa...

Bastava que um conhecido, sincera-

mente, com um acêno amigo de mão, lhe dissesse:

— Adeus, oh *Marques*.

Bastava ouvir, pelas suas costas, á porta d'uma loja um riso de homem; appreender, em mulheres que passassem, o geito d'um segredo trocado á sua passagem...

Abrasava. A sua côr morena, tinta do rubor, desfeava-o. Marcos sabia-o: odiava-se.

E escutava o repuxo do seu sangue, latejante, latejante, latejante!

Outras vezes imaginava, imaginava que toda a rua se ia voltar para elle e cantar num grande côro infernal, apontando-o, ensarilhando-o entre os bérros:

Oh *Marques!*
Oh *Marques!*
Oh *Marques!*

E depois a Cidade, toda a Cidade cantaria, repetiria num immenso côro:

Oh *Marques!*
Oh *Marques!*
Oh *Marques!*

Em certos dias um quarto de hora de rua deixava-o exhausto, esvahido — com uma grande pena de ser assim, de não poder ser senão assim...

VIII

E Marcos tinha do Amor uma noção ga, identica á que os viajantes, espreindo da janella de um expresso, formam bre a paizagem de um paiz desconhelo.

A sua adolescencia fôra apertada e tida, em casa do protector. Afinal, não sára nunca as mulheres: era um atado!

Roçára por ellas com alvoroço e rubor, adorára-as, sobretudo de longe adorá--as.

O halito frouxo das saias fustigava-o e lormentava-o — de longe. Junto das mulheres, *não tinha geito!*

Quando a sua barba dura e rala lhe co-

meçára a azulejar o queixo, Marcos amára todas as mulheres: amára a Mulher.

As mulheres haviam sido, para este moço tão digno, uns macios sêres dispersos com Belleza no mundo, tão difficeis, alheios e suaves que só aos outros devia ser dado gosar. Mas para este adolescente de buço forte, a mulher fôra sempre, no seu coração sósinho, a «ultima mulher» entrevista e amada.

Sempre a ultima d'uma seria longa, cada mulher, adentro da sua alma, installava-se e reinava com dominio e paixão!

Era, uma vez, aquella senhora que elle vira pousar, com ligeireza de andorinha arribada, um pé delgado num estribo polido. Nem lhe vira o rôsto, nem tivera tempo de vêr mais nada! Mas a visão, mesmo assim indecisa e parcial, logo ampliada, enchêra os seus olhos, alvorotára o seu sangue, roçára-se nua p'lo seu coração! Então, para elle, a Mulher era deliciosamente isto: um pé delgado pousando num estribo polido. Logo amorosamente aferrolhado e debruçado para o fundo da sua memoria, a delicia era desfiar, revêr, exgotar a mulher que avançára, á porta d'uma

loja rica, para um estribo polido um pé delgado...

Era, outra vez, por uma noite d'estio, d'um vago luar que caiava a Cidade. Marcos vira passar, lentos e unidos, uma mulher e um homem que a levava. Roçaram por elle. Eram amantes — conhecia-se... Ella era loira e alta, e o seu corpo, vestido de rosa froixa, pareceu-lhe todo macio e nervoso. Parou a vê-los, lentos e unidos, caminhando pela rua quasi deserta.

E puzera-se a seguil-os, fazendo que flanava interessado pelas montras. Defronte das lojas os quadros de luz illuminavam este par molle e feliz, com o ar insaciado e môrno de quem vem d'um leito de amor.

Nos rasgões de luz a mulher illuminava-se, e Marcos via-lhe as mãos nuas, desmaiadas na sêda froixa; a sua nuca de estatua loura, os sapatos rebrilhando no asfalto dos passeios. Seguira-os... Elles mettêram por uma avenida deserta; procuravam a sombra sob a fresquidão das arvores. E Marcos, depois, encoberto por um tronco d'arvore, vira-os abraçados, esmagando as boccas num beijo que sorviam dos corpos abraçados — ella toda macia e

nervosa dentro da seda amarrotada e froixa, e com diamantes a brilhar nas mãos...

E depois outra, sempre outra roçaria, quentinha e nuasinha, p'la carne do seu coração!

Andava nas ruas, roendo as unhas, rondando com digno disfarce as que passavam, sob a luz dos lampiões, com perfume forte e convidando homens. Tivera sempre, á passagem das louras, a mesma perturbação calida e terna: um como arripio que descolava, dentro do seu corpo, uma como entranha que fôsse a sua alma...

Já depois de «empregado» e quando na algibeira do colête enthesoirava pratas do ordenado, elle mal se atrevia a chamar, a *ir* com uma d'aquellas desejadas mulheres!

Elle bem sabia que isso era facil... Os outros não iam? E decidindo-se, em certas noites, com dinheiro no bolso, vestido com o seu melhor fato, bem barbeado, esperava ás esquinas, em alvoroços de noivo, as mulheres que passavam.

E á passagem farejante das mulheres espiando desejos, Marcos espionava de travez na carne loira das loiras, remirava as painhas reluzentes nos passeios — sentia des-

locar-se, desconsolada e repuxada dentro de si, a sua timida viscera misteriosa...

E quando ellas raspavam no seu hombro interrogando os seus olhos, elle, palpitante — consultava o relogio sem vêr as horas ou fumava com interesse o seu cigarro apagado!

Marcos amára a Carminho, a dôce Carminho de tão dôce vulgaridade, e casára.

Para elle, casar era sobretudo *não estar só;* era ser amado e ser respeitado por alguem.

Elle não tivera mãe; não se lembrava do pai; a tia Pureza não amára ninguem. O protector mettera-o num collegio...

E Marcos era intelligente e terno e compreendia que cada homem, seja o que pisa com sapatos de baile as bellas mulheres que o amam, seja o que bate numa cadelinha suja que o lambe, precisa d'uma criatura que o estime — e que o ache grande entre os outros.

Sêr-se grande para alguem! E' reinar-se na Criação. E elle seria grande, finalmente, este *Marques* que fôra sempre mesquinho

perante si proprio, sob a chufa da Vida, assobiado pelo seu destino!

E elle amava, elle amava! E tambem não queria ser *feliz de mais.*

Bastava-lhe não estar só, ser respeitado, ter uma casa...

Andar na rua, aos encontrões da gente que passa, ser enlameado, ser humilhado, e poder pensar:

— Lá em casa, ella espera-me. Anda a tratar do *meu* jantar. Dar-me-á um pratosinho de que *eu* goste.

Vêr passar os mendigos, os rôtos, os que vão presos entre as escoltas, os que trazem na cara cem noites mal dormidas— e ter saudades d'uma cadeira *que ha lá em casa*, e aonde, bem assentado, com um casaco velho e uns sapatos largos, é tão dôce preguiçar e fumar, sentindo a mulherzinha a tratar do seu lar.

Vêr mesmo passar os ricos, os que atropélam com carruagens brandas, e pensar:

— Pois sim, amigos ricos e poderosos! As vossas mulheres enganam-vos, as vossas amantes enganam-vos — e a mulher que é *minha*, adora-me.

Dentro do seu carro, no dia do casa-

mento (que dia!...) Marcos viveu uma vida, com o coração acelerado arfando, a bocca secca—os sovacos constrangidos nas mangas do fato novo. Garôtos penduravam-se:

—Lá vae um! Lá vae um!

A tipoia rolava. Sujeitos, ás esquinas, olhavam p'ra dentro, repontavam com a sua *cara de noivo*, com a sua cara de noivo!

Que dia!...

Era a egreja, já!

Foi a apear-se... O seu chapeu (estreadinho no dia) roçara na hombreira da carruagem, enterrava-se-lhe na cabeça, irriçado, á banda...

E foi na noite do seu casamento, abandonando Carminho muito rosada e terna, que Marcos fugiu da alcova nupcial—em roupas brancas e em palmilhas, amarello como um morto, agarrando ignobilmente o seu ventre com as mãos torcidas — na ancia de buscar a solidão onde a sua vergonha desconforme se curtisse, entre o alivio do seu corpo divorciado da sua alma!

IX

Habituara-se a vadiar ás noites, habituara-se a adorar a Noite, certamente porque estes dois grandes vadios, o Amanuense e o Poeta, o haviam roubado á serenidade do seu terceiro andar, á companhia vulgar e dôce de Carminho, para lhe infiltrarem o estranho prazer de viver de noite, de adorar as noites...

Estes vadios!... Completavam-se: Roldão era falador e quimerico, gostava de discursar, achatado sob o monte da marreca, eloquente, de quimericamente discursar pelas longas ruas negras e desertas, erguendo, sob as inspirações, em gestos largos, o seu guarda-chuva enorme, da

altura do seu chupadinho corpinho d
Era um filosofo; era um maluco.
mundos, «lançava erratas á marg
Universo». Nunca dizia: a mulher
sempre: a pêga. E alegre, ás vezes
escapulido pardal!

Os amigos viram-no mesmo, um
cavalgando o seu guarda-chuva,
um gato vadio, com ademânes de
arcaico: o lenço em pluma no feltr
e as calcinhas pretas erguidas em g
calção de torneio. Vivia com a mãe,
ra de luto, entrevada e viuva.

Conhecia toda a gente, de vista.

—Olhem, olhem! Aquelle barrig
vai a sahir da tabacaria...—compro
tos, o ladrão! E' o Rosado, do *Salo*
Rosa, modas e confecções! Vai
da amante. E aquillo é trem aos d
influencia na Praça, alindes p'ra

Bemvindo era um poeta iné
um manuscrito aferrolhado num

Magro, d'uma magreza de m
ga, os olhos glaucos d'um verd
marinha, e barba d'adolescen
se-lhe na cara, em tufos inge
nas barbas dos santos jovens
primitivos.

Falava devagar; caminhava, de mãos atraz das costas, derreado sob o peso da sua obra... Adorava Roldão. O Amanuense era um genio; era mesmo a sua musa, quando lhe insinuava os grandes assuntos, descobrindo-lhe, entre duas levadas de sonho, os humanos livros «por fazer», que viriam para acordar as almas, repuxá-las da Dôr pelas orêlhas — levá-las, adiante de si, para a Felicidade de viver...

Mas o Poeta adorava as mulheres! E o Amanuense despresava, do alto da sua corcunda, «a pêga morna, a eterna pêga», cuja carne cheirosa e branca, roçando-se núa p'las vontades fortes, as agoamornava e babava de desejos.

— Aqui estou eu. Eu nunca precisei de amar! É verdade. Nunca precisei. Nunca amei nenhuma mulher — e não é lá por causa da corcunda... Ha-as por ahi que até gostavam de m'abraçar p'lo defeito!

Bemvindo scismava, Marcos distrahia-se; as ruas começavam a despovoar-se: quanto mais sósinhos, mais largamente respiravam, mais ardentemente se internavam no pavoroso deserto da Cidade adormecida, gosando o silencio, a leveza da treva sonóra por onde as vozes subiam,

povoada de quimeras que o sol espalda, o dia miseramente destroe, como um corvo negro afugenta um bando de pombas voantes.

. . .

Nunca se fartavam, tão estranhamente nôvo o achavam sempre, do espectaculo mudo e negro da Cidade por horas mortas.

Roldão guiava-os. Guia soberbo!

Bisbilhotára todos os bêcos da miseria, que embandeiram lividamente, ás noites, com roupas a enxugar pelas janellas; colleccionava os scenarios do passado, os nichos gothicos, os malucos encavallamentos de predios, os nomes arcaicos e saborosos das ruas, os corrêdores do *fado* com mulheres sentadas ás portas, derrubadas sobre os proprios braços, catarrosas das cacimbas e do tabaco, ronronando.

— Aquella é a *Espalhada*. Tem cincoenta annos.

Conduzia-os aos estragos dos homens nos aspectos da Cidade maravilhosa; aos estragos do tempo, aos estragos do terramoto. Sabia os nomes dos chafarizes, tão melancolicos na cantiga das bicas, as ve-

lhas fontes do burgo — preciosas outrora na sua fartura, na sua fresca e clara abastança, — abandonadas agora, com hervas rebentando por entre as suas morênas pedras, com as bicas partidas, a agoa dizendo uma humilhada cantiga de abandono, de quem se sabe inutil, sem direitos á Vida e á risonha consciencia de ser prestavel.

O Amanuense amava os chafarizes desertos e sós, lembrando carcassas de coisas mortas, fóra do seu tempo, esquecidas pelas suas almas; evocava, encostando o guarda-chuva ás fidalgas balaustradas de estilo, toda a passada, chalreada vida d'esta carcassa em que elles pousavam agora os olhos desolados da sua desolação...

As mulheres de Lisbôa, com cantarinhos de barro á cabeça — ellas ainda airosas, com portugueza graça nos olhos, elles ainda com fórmas d'auto — vindo de manhazinha, frescas na alva do nascente dia, ao chafariz que frescamente lhes fornecia a agoa bemdita: o caldo gostôso do jantar, os gólos consolados para a sêde.

Os cantarinhos enchiam-se, gôrdos e rubicundos, debaixo das bicas fartas: a agoa cahia num jacto perenne de cristal

macio — primeiro com um humido marulho, logo depois com um ritmo d'escala, afinando, enchendo, subindo... já transbordante e pleno de musical expressão.

Voltadas para a praça ou para a rua, as lindas mulherinhas, com os cotovêlos apoiados no balaústre de pedra, gosavam a manhã clara, ouvindo os repiques d'alva nos mosteiros, vibrando no despertar da Cidade já de pé para a labuta do dia.

E cantarinhos iam, cantarinhos vinham, logo cheios debaixo da bica larga e calma como a piedade de um Deus!

Havia-os com agoas medicinais (Roldão tambem os conhecia) que outrora saravam os cegos, os chagosos que se acolhiam á sua virtude...

E os tres amigos, muito sérios perante a nostalgia poetica do Amanuense, passeando os terraços dos chafarizes, procurando ler as datas, reconhecer as armas que os encimavam — consideravam silenciosos estas carcassas desertas, apertadas entre as construções recentes que as empurravam, pareciam querer pô-las fóra da vida, sem respeito pelo seu passado, sem caridade com a sua velhice, sem

mesmo quererem ouvir a fresca, abundante, inutil cantiga das bicas, borbulhando inuteis...

Roldão sabia de cór a Cidade.

Uma noite, disse aos amigos:

— Hoje vou mostrar-lhes o Terramóto!

E levou-os por uma colina cortada de escadarias, vielas de escadarias despenhando-se, como grandes cascatas sêcas.

Entre muros asfixiantes, velhas muralhas de pedra moiresca utilisadas pelas construções, os tres amigos subiam, com Roldão á frente, apoiando-se no guarda-chuva enorme.

E o Amanuense mostrava-lhes o terramóto!

Havia predios negros que cavalgavam predios negros, esforçando-se os de baixo, quasi com movimento, por escapar ao pêso dos de cima. Havia rebanhos de casas encolhidas, num terror, umas contra as outras, como se medo houvessem de sentir outra vez mexer a terra. Havia recantos de burgo de doidos, com jardins nos quintos andares, trapeiras ao rez do chão, ricos alegretes entre esquinas de predios misera-

veis, sumidos p'lo chão abaixo, com quartos por baixo de escadarias...

— Meninos, vocês estão vendo? A terra a arfar como o seio d'uma pêga anciada!

Havia parreiras, verdes parreiras exhaustas, abrindo as ramadas para as ruas, debruçadas dos muros limosos, despegadas do sólo, inverosimeis, de bastidôr.

E sobre a degringólada dos telhados musgosos, uma outra pandega de trapeiras, de mansardas, de chaminés altas e tortas que á leve aragem deviam de oscilar. Desertas paredes, sem cal, humidas como bórdas de pôço, eram golpeadas de frestas, de frestazinhas por onde a luz se encolheria para caber!

E a cada alta parêde que subia no ar, tragicamente correspondia um pôço fundo que furava a terra — a terra onde a agoa borbulhava em cavernas alagadas, longos subterraneos de cidade afundida e certamente povoada de lares afundidos, com ossadas nos charcos entre as larvas e os escombros.

— Na Era que tem dois cincos!...

No cimo da encosta um immenso casarão negro, com males incuraveis nas parêdes, dominava a Cidade, dominava o rio.

E sempre, despenhando-se pela colina convulsa, os bêcos, as vielas de escadarias, as ruazinhas aguçadas de mil esquinas, por cujas janellas bailava ao vento a roupa posta a enxugar de noite, em galhardêtes de miseria.

E era espantoso, este scenario de bairros empinados, estacados em meio das derrocadas, toda esta arquitetura de pesadêlo e loucura, arfante ainda, ainda fumegante das ruinas e palpitante da conflagração!

E Roldão, com o triunfante guarda-chuva no ar, soberbo da visão «que proporcionara aos amigos», guiava-os pela noite calada, mais calada ainda por esses bairros calados e sós.

Em certas noites o Amanuense era prodigioso!

Elle proprio pedia ao Poeta que lhe apalpasse a marreca, para sentir as palpitações.

E eram as noites das grandes fantasias, em que as suas fantasias (Marcos ouvia-os, sempre calado) se assemelhavam a dois corceis enlouquecidos que galopassem numa charneca a arder.

— Sinto a corcunda a pesar-me em cima dos olhos! Vocês emprestam-me dinheiro? Para a conta dos rebuçados da mamã... Uma enorme conta, coitada! Vocês já repararam que a gente, quando não tem dinheiro, *até cheira mal?* Ah, meninos, quem me déra ter um hiate!

— Um hiate?

— Com uma seara na tolda, loira sobre o mar!... Com camaras claras, cravos a abrir encarnados e brancos. Daria regularmente a volta ao mundo, como agora vou todos os dias á repartição. Vocês iriam comigo, com mais amigos que eu arranjaria. Que dia é hoje? Quinta-feira, 3 de março. Estariamos fundeados numa bahia erma e toda azul sob o ceo todo azul. Passeariamos todas as Agoas... Biblias em cima das mezas, com os nossos cachimbos marcando as paginas. Eu mandaria, mesmo da nossa feliz viagem de Descoberta aos pólos, a mezadinha da mamã; deixá-la-ia bem abastecida de cobertôres novos, e de rebuçados — á descrição!

E as festas que eu lhes arranjaria a bórdo? Domadores de serpentes, palhaços de Londres, os fakirs sagrados, os fadistas da Mouraria...

— E mulheres, menino! Mulheres com carne de pômo e cabellos que se entornassem como oleo na nossa pelle...

— Sempre a pêga! Pois sim, que diabo! Tambem haveria mulheres — para vocês.

Ah, caramba! ter este hiate, ter este hiate!...

— Pois olha, menino, eu não queria o hiate. A emoção do peregrino acabou porque os homens mexericaram cá o globo. Se tu amanhã estivesses diante d'uma paizagem de neves, dirias apenas: — Pois está parecido!

— Mas, oh Bemvindo, o que é que tu querias, o que é que tu querias se tivesses a bella massinha p'ra gastar com o Sonho?

— Olha, por exemplo: era mandar pintar, por meio de sabios processos que não estragassem a pelle, as mais bellas mulheres. E tê-las nuas e azues, escarlates, verdes, amarellas!

Outras vezes, Roldão sonhava uma Casa:

— Vocês sentem a patria? Vocês sabem o que é a patria? Mas que cantiga é esta de patria?! Só tem patria quem tem Di-

nheiro, quem tem Poder! Qual é a patria dos mendigos? Qual é a patria da *Espalhada*, que conta quarenta annos de serviços ao seu paiz? Qual é a patria dos corcundas e a dos Bemvindos que ninguem sabe que existem? E veem-me elles então com esta cantiga da patria! Só quem tem Poder, filhos! só quem tem Dinheiro...

Eu queria mas era uma Casa — uma patria. No campo inglez, ao pé da agoa e das arvores, numa colina verde, eu construiria a minha patria. Seria uma casa, sósinha e caiada, com alpendre p'ra o poente, craveiros nas janelinhas, e, numa parede, um nicho p'ra S. Camões. Quanto a interiores — escuros e amplos, com dôces azulejos nas parêdes, em pinturinhas de graça gothica: Velloso caçando as ninfas, campinos e toiros na leziria, Nun'alvares, de monge, a semear o pão... E o mar, está claro! bem escaiolado nas paredes, com casquinhas de nozes navegando...

— Ora! aborrecias-te...

— Aborrecias-te o quê?! Isto é que era uma patria!

— Aborrecias-te. Nem uma mulher, uma bella mulher, uma mulher bella a que te

enrolasses como duas folhas de papel se enrolam...

— Sempre a pêga! Não; não tinha mulher — tinha um theatro. Um theatro de fantoches! Vocês já observaram os fantoches, a *vida* dos bonecos? Reparem nos fantoches, de capinhas vermelhas, illuminados na luz da ribalta — representando!...

As suas vozes são guinchos de gaitas agudas; os seus bracinhos, hirtos e esquerdos, agarram as armas como embalando-as; as suas mascarazinhas de mônos, talhadas a canivete, são paradas como buracos negros...

E todavia — acreditam vocês? — que intensa, perfeita, real vida os mônozinhos não vivem!

Reparem p'las feiras, nos theatrinhos de chitas vermelhas, onde os fantoches *trabalham*, lividos e tortos, diante do pôvo ás risadas.

Mas o que eu queria, sabem? sobretudo o que eu queria — era vêr-lhes a *morte*...

— A morte?

— Depois do espectaculo, erguendo a cortina, espreitá-los estendidos nas prateleiras, arrumados — mortos...

Não! Afinal, não era um hiate que elle

queria. Não era a tal Casa. Diabos levassem o hiate — que ha quem ande á vela p'ra ganhar o pão!

Elle queria mas era *emendar a Vida*, e em uma bella manhã, erguido sobre as ruinas do mundo como sobre um monte de caliça e lixo, poder dizer aos Homens:

— Olá! pôvo de dôres, basta de tanto soffrer! Nada de Dôr. Nada de Dôr! Isto fez-se para viver e viver é gosar a Vida como as arvores a gosam: livres e bellas! Nada de Dôr. *Espalhada*, minha pobre filhinha, não tenhas mais o terrôr da Policia: já não ha Policia!

Grandes da Terra, fóra d'ahi — gira!...

Ricos da Terra, salta p'ra cá com as riquezas, p'ra todas as mamãs doentes poderem ter rebuçados — á descrição!

Nestas noites de Sonho, Bemvindo espertava e sonhava com a sua obra...

O Amanuense suggestionava-o. — Que fizesse elle um poêma, um grande poêma de epico grotesco, uns *Luziadas* com um Camões heroe. Seria mistico. Com dedicatorias:

Ao mimoso poeta dos *Luziadas*.
Á distincta raça de navegadores.

Vasco da Gama, de barbas rentes e cachimbo requeimado, errando no cais, com as mãos nos bolsos das calçotas de castorina — implorando tripulação para uma immensa viagem a Cacilhas. Ninguem quereria embarcar. A Raça exgotára o seu sonho. Sujeitos mesmo repontariam:

— Deixemo-nos de cantigas!

O catraeiro desesperadamente mamaria no seu cachimbo, gingando e praguejando entre senhores de chapeo alto, recem-chegados d'um enterro nobre. E Venus desceria propicia d'uma victoria de praça, espalharia as vistas pelo cais, através da luneta, escandalisando as Autoridades com a sua nudez triunfal! Depois, o canto da jornada esplendida atravez da mansidão do rio, e as Tagides, todas de lenço e chale, entoando no sulco do catraio um envolvente côro em redondilhas...

E, então, um cavalheiro constipado, de sobretudo e luvas pretas, furando com um dedo sentencioso o bafio da Cidade — prégaria contra o serviço das alfandegas, con-

tra os perigos das burricadas no Alfeite, contra aquellas mulheres foragidas dos bairros immundos, contra aquelles pandegos que iam merendar áquellas horas!

E logo um tipo desembocaria no cais, de guitarra nas unhas, uma pála negra num ôlho, e afinaria os bordões da banza.

— Oiçam! Oiçam! É o Camões que vai cantar o fado!...

« Z'ai as Armas e os Barões...»

Não. O Poeta queria fazer uma peça.

O Amanuense arremetia, acutilava-o com o guarda-chuva, berrava que elle não tinha talento nenhum!

— Fazer uma peça? Eis a vaidade!... Fazer uma peça! Tu sabes o que é fazer theatro? Tu sabes o que é ser Poeta?

Para sêres um Poeta precisas de ter uma alminha tão grande que te caiba lá dentro a alminha do Universo! Para fazer theatro precisas de martelo e de prégos...

Bemvindo indignava-se; as abas do seu velho fraque bailavam sacudidamente. Não! O theatro era a Arte perfeita: a lição materialisada da Vida perante as multidões;

era o derradeiro pulpito dos derradeiros prégadores!

— Precisas de martelo e de prégos; eis tudo.

Serás um carpinteiro habil se triunfares; serás um *mestre* despedido se t'assobiarem.

Para fazer theatro, meu amigo, reclama-se o dom que jámais grandes poetas houveram: a *habilidade*, o dom inferior de saber compôr castellos de ripas, lixos e brocados falsos, n'uma palavra: o Carpinteirismo. Shakespeare? Mas é Shakespeare nos Versos — para quê os comicos? E tudo quanto na sua obra ha de *theatro* — foi mediocre e mortal. Para fazer theatro que triunfe, serás deshonesto, serás enfatico! Deshonesto porque descerás do teu quartinho ás ruas, e espiolharás no gôsto do teu publico por entre a meditação do teu drama: o assunto que lhe não perturbe a ceia, o sonho que lhe não perturbe o sôno. E o publico será desde logo, irremediavelmente, o teu proprietario e a tua bêsta negra.

Não mais gosarás, oh Bemvindo, o bem infinito de escreveres coisas bellas e ficares obscuro, de escreveres coisas grandes e não têres leitores — o orgulho de po-

der gritar: — Eh! Bêsta amiga, não me lês mas não governas em mim, nem abro o teu apetite para a tua ceia, nem tens nada que vêr com o meu Sonho! E os teus poêmas, meu filho, desconhecidos e poeirentos, anotados p'las môscas indecentes e com soes aprisionados nas paginas por abrir, — os teus poêmas que te não darão a gloria, os emprêgos, o Dinheiro, darão á tua alma este orgulho infinito: a consciencia de seres um poeta. Qual será o publico do teu livro? O que fôr para o teu Sonho, de alma anciada, a buscar o teu Sonho. Se escreveres que aos grandes e aos ricos da Terra se precisa rasoirar o Poder e o Dinheiro, elles não comprarão o teu livro e recommendar-te-ão talvez á Policia; — mas se dois Roldões e um Marcos lêrem o teu volume, terás achado para o teu Sonho um publico cheio d'amor! E quem julgará a tua peça? Olha p'ra o monstro de mil despreziveis cabeças, de burguez e d'esfinge, que é o teu suprêmo e «contemporaneo» juiz. — O teu visinho de baixo, a senhora do teu visinho de baixo; o lojista da esquina; o politico que móra defronte e as opiniões do politico que móra defronte; os escritores que agora não

lês; o proprietario da nossa casa de penhores...

Ajunta e infinitamente multiplica toda esta sucia imbecil, ignorante ou má, e terás entrevisto o juiz supremo da tua obra; da tua obra suada em mil horas de parto cruel: a ancia de realizar as scenas, de alar as fórmas, de parir as almas! E em certa noite, este juiz supremo, barbeado e jantado, tendo pago na bilheteira o seu direito de julgar-te, irá dizer se a tua obra é bella ou se é lixo!

Serás enfatico, meu amigo, porque no theatro nem os processos nem as fórmas podem ser limpidos e puros, sobrios e nús como tu os anceias — pela mesma razão por que os scenarios não pódem ser reais. E assim como as casas do teu drama terão de ser panos pintados, as palavras do teu drama terão de ser palavras *pintadas*, artificiais dentro do artificio, vivendo a mesma *vida pintada*. Não m'entendes? Arrasta a um palco, guardando segredo a todos, uma viuva com o marido morto ha duas horas e rodeada de meninos a chorar lagrimas d'orfãos...

É humano? Pois o theatro não dará essa dôr, e o pano cahirá sobre a scena *real*,

afogada do tedio do publico! Decora os palcos com mobiliarios verdadeiros, verdadeiros jardins, e o drama com emoções verdadeiras: tudo te dará falso porque não te dará a *illusão*, a illusão que só vive da illusão. Julgas que os homens, enjoados da illusão, estarão ainda para aturar a illusão? No Universo, meu filho, só as illusões morrem! Que é uma coisa que vive de illusão?

O Amanuense amestrava-o; o ponto era que elle compreendesse; o ponto era que elle se compenetrasse!

— E ainda vocês se queixam: o vosso tempo não póde dar a obra d'Arte! Pois vocês não sentem que vivem em Resurreição, uma Renascença mais renascente do que a outra, a feita por algumas côrtes de principes e de papas?

A Vida está d'esperanças!...

Nunca um grande poeta pôde ser, como agora, um grande poeta. Olha para além de ti: verás que amanhece uma manhã...

Ergam-se vocês com a alva, façam o dia! E ainda se queixam — imbecis!

Já nos olhos do Poeta, attentos e vagos, uma admirada approvação apparecia, extasiada para as palavras do corcunda.

Roldão remirava o olhar concavo d'esses olhos, acutilava-os com sonho, conquistava-os com o arranque da sua quimera:

—Bemvindo, escuta. Recebe as minhas palavras, Bemvindo! Em verdade te digo que uma grande manhã amanhece...

Não sejas inutil, e serás grande na tua obra. Não faças versos d'amor, se amares uma mulher: serias inutil. Não escrevas da tua dôr, se soffres: essa dôr, a dôr bemvindica, não interessa ninguem, por immensa que seja, se fôr só tua.

Agarra na tua dôr e embrenha-te com ella no pôvo das dôres; e ella será grande, ululando com a alcateia. Não faças da tua dôr um poema: faze das dôres dos outros um poema...

A Belleza? Devia de ser apenas uma tunica que convém talhar esburacada e larga, para a deitar aos hombros nús da Dôr, sem lh'os cobrir.

—Elles querem gosar a Belleza? Elles querem matar o seu tempo? Mostrai-lhes dôr, sempre dôr! Fazei-a surgir, á Dôr, por detraz das paginas e estatelai-a diante dos olhos d'elles, a arripiá-los com o arripio com que um homem descobre, ao dei-

tar-se, uma mão cortada entre as roupas da cama... Enfarinhai-os, mascarrai-os com Dôr! A Vida seria já melhor se todos os homens soubessem a Dôr de todos os homens. O que falta organisar é isto: uma companhia — *A Dôr aos Domicilios*, com um serviço diario bem tragicozinho. Imaginem: á sobremeza d'um rico jantar, na hora ditosa em que os convivas acreditam que a humanidade está á sobremeza, eis que a meza resalta (a Companhia teria previamente installado, debaixo da meza, uma sucia em jejum...) os cristais se partem, as digestões se paralisam! — A Dôr, a Dôr!... — Ou no meio d'um baile, quando as mulheres brilham sob os lustres como joias vivas — uma porta que é forçada, os lacaios empurrados, gritos e choros p'los salões ás escuras... E um cavalheiro trémulo para uma dama desmaiada:

— É a Dôr, senhora marqueza!

A Noite, mesmo, andava povoada de dialogos, entaramelados, sacudidos dialogos de criaturas que atravessavam a Noite...

— ...

— Então o canalha fez que te não conhecia?

— Fez. Olhou e virou a cara.

— Canalha! E é por ser dos do paço, dos de cima — o canalha!... E tu que lhe fazes agora?

— Eu? Não lhe falo!

— Elle é que não te fala a ti! Elle é que faz que te não conhece — o canalha!...

— ...

— ...

— Nunca na Vida! O que é a Lei? Sim: tenha o cavalheiro a bondade de me dizer: o que é a Lei?

— Olhe que eu sou escrivão! Olhe que eu sóu escrivão!... Olhe que eu falo com Juizes — até posso bater nos presos!

— Nunca na Vida! Mas responda-me a isto o cavalheiro: o que é a Lei?...

— ...

Nunca se fartavam; as noites eram sempre novas, como as sabias amantes que pulem os sorrisos, restauram em cada beijo a ruina dos passados beijos.

E já conheciam, familiarmente roçavam com os tipos da Noite — esses filhos da Sombra, com pais incognitos, que da Noite parecem brotar vestidos de treva, quando a Cidade dorme. E eram os guardas nocturnos, com velhas bronquites e de ventres luminosos, deslisando nas esquinas, encostados em vagas sonolencias, esperando os noctambulos, jogadôres ou bebedôres que recolhem de madrugada, com as mãos nas algibeiras dos sobretudos, as gólas levantadas, os chapeos p'ra as nucas.

Eram os cocheiros que trabalham de noite, entorpecidos nas almofadas das séges, usando chapéos de agencias funebres falídas, e offerecendo as berlindas com um ar suspeito de ladrões e de sacristas. Eram mendigos, os que só pedem esmola de noite, os que se não cobrem mesmo com os decentes, os ricos farrapos dos que pedem esmola de dia e perseguem, com autorisação da Policia, as bellas senhoras que fazem compras nas lojas. Eram mulheres, certas mulheres monstruosas, comidas do *fado* e da fome, com caras de buracos, estranhas borboletas que a Sombra attrai e offerecem, nos vãos das escadas, o seu sovado amor e os cadaveres.

Eram os trapeiros, com dorsos usados de se curvarem p'ra o chão — grandes virgulas rebuscando nos despójos da Cidade o trapo, a côdea, as joias perdidas. Eram os bêbedos fala-sós, os que a bebida faz esquecer da situação da propria casa, e escrevem S S na sombra, encandeando nas luzes, amparados aos ourinoes de bonés de jockey.

E Roldão, espiando longamente os bêbedos nocturnos, cujas zigzagueadas filosofias as Autoridades admoéstam com dureza, notára que, num bêbedo, está quasi sempre um theologo. E observára mesmo um que uma noite, encalhado num lampião, contemplava as estrellas, a abobada profunda, a augusta immensidade da Criação:

— Cantigas! O mundo foi feito por Deus... Pois sim: está muito bem. Mas então quem é que fez Deus? Cantigas!... *Só se foi assim a modo um ar...*

Depois, p'la calada da noite, os varredôres... Havia-os que trabalhavam a pé, que conduziam carros fantasticos. Uns, vestidos de gangas leves que o frio tras-

passava e molhava, com as orelhas derrubadas p'los barrêtes, tiritando e suando, manejavam grandes vassouras ásperas, lembrando poetas doidos que escrevessem os poêmas nas calçadas. Outros, encolhidos, acocorados na taboa d'um vehiculo da Fabula, passavam, deuses grotescos entre nuvens de poeira negra — como macacos que cavalgassem escôvas!

E estes bichos da Noite tragicamente cumpriam este serviço tragico: escovar a Cidade, arrumá-la, desentupi-la do lixo com que um dia a deixára pórca.

Malandrões insultavam-nos, sahindo das baiúcas com mulheres abraçadas, turvos das ceias, ás gargalhadas; o frio riscava-os com finas facadas, descendo do ceo negro em fórma de chuva ou em fórma de vento, traspassando-os, gelando-lhes o suor nos corpos; a Cidade dormia entre a doçura dos lençoes de linho ou entre a doçura das mantas de trapos: — e os varredôres tragicos, tiritando e suando, varriam, varriam a Cidade pórca...

E, em cada noite da estranha taréfa, adiante dos seus gestos levavam o lixo de todas as illusões, o lixo de todas as venturas, o lixo de todas as miserias d'um dia.

X

Nalgumas noites, tambem, os tres amigos acampavam sob um portal de velha igreja (freguezia extincta) num adrozinho de lages polidas, enobrecidas com inscrições em desgastado latim. Por um capricho da Administração, collocara-se um candieiro na frontaria da pobre igreja, que ao Poeta parecia «estar com saudades de Deus». O lampião entornava no piqueno adro uma luz de céla de monge estudioso; a rua deserta descia em baixo, ao fundo da escadaria suave. Uma arvore subia d'um quintal. Roldão descobrira este adrozinho desolado e calmo, e chamava-lhe «o salão de leitura.» — Porque, debaixo do

lampião e amesendados os tres amigos, Bemvindo lia-lhes, ás vezes, coisas que rabiscára.

São d'elle as paginas que seguem.

CONTO DO NATAL

Anoitecêra ha pouco. Era vespera de Natal.

Por uma rua illuminada e concorrida, larga rua de cidade luxuosa, um homem seguia devagar, cabisbaixo, todo recolhido na sua dôr. Na sua dôr, porque elle soffria uma grande dôr. Sahira da cadeia da cidade, onde estivera preso longos annos, não sabia quantos... Era um ladrão. Arrombára um grande cofre, um immenso cofre d'um homem muito rico, um cofre todo cheiinho de oiro, todo cheiinho de oiro!... Aquelle oiro cegára-o, apetecêra-o porque elle com um bocadinho d'aquelle oiro poderia comprar um jantar todos os dias, com-

prar um capote, comprar um cachimbo. E esse homem muito rico ouvira arrombar o seu cofre, sentira tinir o seu oiro... E o ladrão fôra preso, amarrado pelos servos despertados, remettido para aquella cadeia. Até que um dia um disse-lhe:

— Vai-te d'aqui. És livre.

E o ladrão, como estava livre, viera gosar a liberdade. O dia escorria de sol.

Elle já se não lembrava de como era o sol.

Respirava a grandes haustos o ar. Elle não respirava, ha muito tempo, ar! Gente passava, gente que ia para a sua vida, bellos senhores que passeavam pela cidade. Elle ha muito tempo que não via gente, gente que ia para o trabalho, bellos senhores que tinham cofres d'oiro... O ladrão chorava, de gratidão, — por gosar o sol, respirar o ar, ver gente! Quizera mesmo resar. Mas elle nunca soubera resar. E debruçara-se até á terra da rua, e beijára a terra.

Um rancho d'homens, com ferramentas ás costas, entrava nesse dia para uma officina d'uma fabrica. Elle dissera-lhes:

— Vocês levam-me para ahi, para trabalhar com vocês?

— E tu que sabes fazer?

— Eu... nada...

E os homens tinham-se rido, julgaram-no doido; e entraram na fabrica.

O ladrão seguiu pela rua, com as mãos nos bolsos, tremendo nas pernas fracas dos longos repoisos. E viu, adiante d'elle, um senhor gôrdo e brilhante, com cadeia de relogio, aneis nos dedos, bengala com punho de prata...

E o ladrão perguntára áquelle bello senhor:

— Quer-me para seu criado?

Mas o bello senhor relanceára os olhos, resmungando assustado.

E o ladrão seguiu pela rua, com pena de não saber fazer nada, de metter mêdo aos bellos senhores que passeavam na cidade.

Uma escolta de soldados passou ao seu lado marcando com firmeza o passo, commandada por um official soberbo que erguia uma espada. E o ladrão fôra com aquella escolta, marcando tambem o seu incerto passo até o quartel onde se recolhera com o official á frente.

E quizera ser soldado. Ia mesmo a entrar pelo portão do quartel, para fa-

lar áquelle soberbo official — quando uma sentinella lhe pôz uma baioneta aos peitos:

— Passe de largo!

Passára de largo.

Anoitecia. Era uma tarde serenissima, com pó d'oiro derramado no ar doirado e frio.

Já os operarios sahiam das officinas, acamaradados em ranchos, a caminho das suas casas.

Nos predios, janellas illuminavam-se.

Grandes *cafés* illuminavam-se; via-se da rua o alinho das mêsas postas, já com gente assentada a comêr.

E o ladrão não tinha casa, como os que iam apressados a caminho das suas casas; não tinha jantar; tinha frio...

E começou a ter saudades da cadeia.

Não sabia como vivêra até essa vespera de Natal... Esgaravatando nos barris do lixo, sorvendo depois o ar gostoso das cosinhas. Pedira esmola, mas não lhe davam esmola. Viam-no robusto, quasi moço — e diziam-lhe que fosse trabalhar!

E, já sonhando com um grande cofre todo cheiinho d'oiro, seguia agora por esta rua illuminada e concorrida da cidade lu-

xuosa. Vespera santa! Crianças rindo e pulando, com chalreados rizinhos, sahiam das lojas pelas mãos dos papás contentes; amimavam finas bonecas, ricos brinquedos cheios de côr e de riso, com maquinas que falavam, que tocavam, que alegravam esse miudo pôvozinho. E a riqueza das montras!

Os doces brilhando como joias, os vinhos, as bellas carnes tenras e brancas! Pela cidade um arripio de alegria passava, tudo bradava: Natal!... Natal!...

Mas o ladrão vira sahir d'uma d'essas grandes lojas d'onde as crianças sahiam rindo, um bello senhor que sobraçava uma multidão de embrulhos. Uma carruagem esperava-o, encostada ao passeio. Elle subiu apressado, bateu a portinhola com força e a carruagem partiu, num arranco.—E o ladrão vira cahir um embrulho d'aquelle mólho d'embrulhos... Farejára com os olhos desconfiados: ninguem reparára.—E abaixára-se, rapido, agarrára com força a prenda perdida, e escondêra-a debaixo do casaco...

Numa esquina de rua escura, por onde ninguem passava, o ladrão desembrulhára, com medo e esperança, o rico presente

embrulhado em papel de seda, atado cor fitinha de seda.

Era uma caixa! Abriu a caixa. E nã percebêra logo... Parecia-lhe um mortoz nho, um lindo mortozinho repoisando n fundo d'aquella caixa, com os olhos ben abertos e os cabellos loiros espalhados Com a sua mão tremula e bruta agarrár naquelle mortozinho, remirara-o á luz..

Era uma boneca: uma rica boneca, d tamanho d'uma piquena senhora, uma bo neca de olhos com vida, vestida de sed encarnada, com um chapelinho de pluma na cabeça. O ladrão pensou que con aquella boneca compraria o seu jantar.. Tinha fome. O frio aguçava-lhe a fome Errava no ar um arôma de mêsa posta.. Tinha fome!

Escondêra a boneca no peito; voltár para a grande rua luxuosa, passára de fronte d'aquella loja rica... Venderia a sua boneca? Diria a um: — Dou-te a mi nha boneca se me dás um pão?

Mas, então, o ladrão vira uma rapari guinha descalça, com a carinha magra e suja encostada ao cristal da vitrina, que na morava com grandes olhos tristes as ri cas bonecas, as lindas irmãs da que elle

guardava... A rapariguinha teria seis annos; era toda sujinha e amarella; soffria decerto o frio, porque a sua sainha era de chita leve e esfrangalhada. Só os seus grandes olhos, todos abertos para aquella maravilha, illuminavam esta facezinha murcha e resignada.

E o ladrão chamára-a, muito baixinho:

—Oh menina, oh menina...

E puzera naquelles braços magrinhos, ante a estonteada gratidão d'aquelles olhos —a linda boneca vestida de seda.

Tinha fome. Tinha frio. Queria fumar!

Sorvia no ar o perfume das mêsas postas...

Pela cidade um arripio de alegria passava, tudo bradava: Natal!... Natal!...

Zuniam-lhe os ouvidos. Parecia-lhe que o frio nascia no seu interior, para o gelar. Cahira depois num banco d'uma grande praça, atordoado de frio e de fome. Mas alguem, ao seu lado, falava-lhe:

—Anda d'ahi comigo...

Era um homem pobre, em pé defronte d'elle, embrulhado num velho casaco e com um velho feltro na cabeça.

— Anda d'ahi comigo...

E a voz do desconhecido pareceu ao ladrão consoladora e amiga, como nunca ouvira uma voz!

Levantara-se; encostara-se ao braço do companheiro...

— Tu tens fome?

— Pois tenho.

Entraram numa taberna; abancaram a uma mesa, escondidos num canto obscuro da casa ruidosa de bebedores.

E o ladrão devorava. Com os cotovêlos apoiados na mesa, o seu camarada curvára a cabeça, embebêra-se todo em pensamentos dolorosos... Da sua cabeça pensativa e suave, que o velho feltro cobria, cabellos longos cahiam até ás suas espaduas magras. E umas barbas finas e crescidas desciam-lhe pelo peito, desmanchadas na gola levantada do seu tapa-miseria.

O ladrão acabava de comer:

— Agora o que eu queria, só o que eu queria — era um cigarrinho para fumar!...

E o ladrão fumára, fumára com delicia...

O outro pagara o jantar, recebêra um trôco. Levantaram-se.

E já na rua:

— Adeus... Fizeste bem de lhe dar a boneca. — Vês que jantaste sem a tua boneca?

O desconhecido acariciava-lhe o hombro; e affastava-se...

— E tu quem és, oh camarada? Tu como sabes?

— *Eu sou Jesus...*

E n'essa noite encontraram um ladrão que sahira da cadeia, estendido morto na rua, com um sorriso de luz na face que um sorriso de luz illuminava...

Vespera santa! Pela noite um arripio d'alegria passava, tudo bradava: Natal!... Natal!...

A POBRE

Esta velha mendiga arrima-se a um cajado, e é toda torta e arrepanhada como se a Morte, sugando-a com beiços de ventura, a chupasse toda d'uma banda:

— Minha rica senhora, uma esmolinha por alma das suas obrigações!

As palavras sáem-lhe crispadas da bocca rugosa e sem labios; e o seu queixo rompante, obliquo no ar, é magro como a fome:

— ... por alminha das suas obrigações!

A sua lamuria passeia a cidade, dia e noite.

Com passadinhas tròpegas, de anjinho e de bruxa, ella arrasta p'las ruas os seus

velhos sapatos de homem — tão dobradinha p'ra o chão e tão lá de baixo remirando a gente, que quasi dirieis que a mendiga vos olha já d'uma cova:

— Minha rica senhora! Minha linda menina... por alminha das suas obrigações!

Sobre o seu chale centenario uma chapazinha brilha com um numero. É a *licença*. O Estado permitte-lhe que dia e noite com a sua lamuria:

— Minha rica senhora, oh meu rico bemfeitor...

passeie pela Cidade, acotovele os ricos, surja arrepanhada e torta diante dos que passam apressados, cuidando de negocios ou matando o tempo a passear as bellas ruas:

— ... por alminha das suas obrigações!

E a mendiga percorre as bellas ruas num perpetuo giro arrastado de folha velha dançando no vento! Persegue com teimosia as grandes senhoras que sahem das lojas, e trazem ainda na pelle das mãos e no esmalte dos olhos a caricia amorosa dos fartos tecidos, das joias preciosas:

— Minha rica senhora, oh minha rica senhora...

Installa-se nos adros das igrejas, á

hora das missas ricas; fareja, nos enterros de primeira classe, os parentes vestidos de luto, os herdeiros commovidos de estrear as heranças — e surge sempre, ao pé da morte como ao pé da vida:

— ...por alminha das suas obrigações!

D'onde veio? A sua vida, um cantinho só da sua vida? Ninguem sabe. Arrasta-se e pede, sempre!

— Oh minha bella menina, ora diga á mãezinha, diga, por alma das suas obrigações...

Raspa por ella a multidão indifferente; embrulha-a, pisa-a. Mas ella busca a multidão, busca-a e arrasta-se entre as chusmas mais densas, fura com o queixo p'las abertas dos grupos, e lamuriando sempre, rogando a attenção dos que passam antes de pedir-lhes a esmola:

— Oh meu rico senhor, olhe, olhe, oh meu rico bemfeitor...

Oh! a mendiga singular! Frangalhinho de Dôr com uma chapa no peito, segui-a uma vez, num entardecer de janeiro chuvoso e frio... Ella pedira todo o dia, surgira todo o dia diante das chusmas, interrompera conversas de negocios, dialogos d'amor, cumprimentos de cerimonia:

—... por alma das suas obrigações!

As pessoas tinham-na repelido, desembaraçavam-se da sua lamuria, passavam adiante, não ouviam ou não tinham tempo; e algumas davam-lhe esmola p'ra se verem livres, perseguidas pela mendiga tórta, pelo lamento eterno:

—... por alminha das suas obrigações!

Mesmo a Autoridade admoestára-a, reprovára com dureza a porfia da sua caça; e uma carruagem que subito estacára roçára p'lo seu escorço, até barbeára o seu chale...

Eu seguia-a. Adiante de mim a velha arrastava-se sob a sombra que descia, fundia-se com a sombra como uma aza de morcego na noite. Iamos por uma rua já illuminada, na penumbra do gaz e do crepusculo. Ella caminhava com cansaço e vagar, como quem vem de ganhar o seu dia e tem de trabalhar ainda depois de noite... Eu mesmo conhecia-a das noites, de quando emboscada ás esquinas, ás portas dos *cafés*, ás sahidas dos theatros, surgia mais arrepanhada na treva, mais tórta e mais velha:

—... por alma das suas obrigações!

Era eterna e fallava só. Agora mesmo,

vagarosa e esquerda, a velhinha remoia palavras, parava na rua como se parásse defronte d'uma idéa e lhe falasse... Começou a cahir uma chuva fria e espalhada. Anoiteceu.

E sob a chuva, arrastando na lama os seus sapatos d'homem, a mendiga falava ainda aos apressados que o aguaceiro fustigava, lançava-lhes rapida na passagem o seu lamento inolvidavel:

—... das suas obrigações!

Defronte d'uma loja, parou.

Era uma pastelaria. Na face da velha, que eu via da sombra, os seus olhos, murchos como contas gastas, brilharam um momento, sonhavam e sorriam... Vi-a entrar, arrimada ao cajadinho, com a chapa condecorando o chale, arrepanhada e encharcada a luzir da chuva. Com pressa e delicia comeu dois pasteis, pagou tremulamente com uma mancheia d'esmolas — e sahiu para a rua trazendo nos olhos toda uma lembrança de goso e a voluptuosidade de viver.

OS HOMENS E AS ARVORES

Os Homens :

Estamos fartos de Dôr ! Estamos fartos de Dôr ! Oh Arvores, ensinai-nos a graça do vosso florecer, a felicidade do vosso existir, a esperança dos gômozinhos novos que rebentam nas vossas braçadas...

Estamos fartos de Dôr !

As Arvores :

Ah, como a terra mãe é boa mãe, oh Homens.

Os Homens :

Ah, como a terra mãe é descaroavel, oh Arvores !

As Arvores:

A terra cria-nos, e as nossas raizes embebem-se até na morte e sugam-lhe ainda a vida...

Os Homens:

A terra cria-nos — e estamos fartos de Dôr!

As Arvores:

Para as nossas raizes sempre ha pão na terra, e somos bellas criaturas verdes, com braços em flor abençoando o chão.

Os Homens:

Mas para as nossas boccas não ha terra!

As Arvores:

Cada palminho de terra dá de comer a cem arvores...

Os Homens:

Cada palminho de terra dará de comer a cem boccas... Mas não é nossa a terra, oh Arvores que tendes sempre o pão e alagais de fartura o chão alheio!

As Arvores:

Homens, sêde como nós, as Arvores da terra. Sêde livres, sêde sobretudo livres

como as Arvores, oh Homens fartos de Dôr! Mergulhai na terra os vossos braços nús, e dos vossos braços livres, como dos nossos braços d'Arvores, a Vida é pronta a florecer e a dar frutos d'amor!

Olhai a terra coberta d'Arvores, a bella multidão de criaturas verdes...

Em cada raminho a nossa felicidade floreceu para a vossa ancia: e foi só p'ra todas as boccas que todos os frutos alouraram debaixo do sol.

Colhei-os! Sêde livres e colhei-os, tão livres como nós as Arvores que os dâmos...

Os Homens:

As Arvores dão fruto e os Homens teem fome!

As Arvores:

Olhai os nossos ramos como até vós se debruçam, carregadinhos de flores que serão frutos... Colhei-os! Colhei-os! Trepai ás nossas ramadas, desflorai-nos, mordei-nos, quebrai com gula os gômozinhos novos!

Desflorados e virgens, os nossos corpos darão mais flores e das flores depois outros frutos virão...

Os Homens:

Mas os Homens teem fome, oh Arvores!

As Arvores:

E as nossas ramadas livres, debaixo da luz ou ramalhando ao vento, estendem-vos o fruto por sobre o chão de searas louras!

Os Homens:

E os Homens soffrem, fartos de Dôr, oh Arvores felizes que estendeis os ramos carregadinhos de pão!

As Arvores:

Somos felizes porque somos livres...
Ah, como a terra mãe é boa mãe, oh Homens.

Os Homens:

Estamos fartos de Dôr!...

XI

Marcos, um dia, foi a uma toirada...

E levára a Carminho, de vestido novo, curiosa da festa, espertando na luz do domingo radioso.

E Marcos tinha horror ás festas!

As alegrias alheias cavavam-lhe tristezas, e perguntava-se, espiolhando na alegria dos mais:

— Mas porque não estou eu alegre como elles?

Que terão elles, que me falta a mim?

E surpreendia-se a trotar para a sua rua, corrido do sol, anciando por estar só, fechado em casa, com as janellas semi-cerradas, ouvindo vagos pregões...

E elle mesmo pensava então de si:

— Sou um maluco. Uma bêsta. Sou *Marques*, afinal, porque me faço *Marques*. Quem tem a culpa sou eu; mais ninguem.

Queria lutar, educar o seu feitio, endireitar o seu feitío — e sobretudo convencer-se de que *não tinha destino*, de que as suas miseriazinhas eram as miseriazinhas humanas, com todas as fraquezas e piquenezas da sua essencia humana...

Não! Era impossivel que Deus fabricasse, para elle só, um destino d'encomenda: um destino de *Marques!* Porque não havia *Marques*. — Fracos, apenas, medrosos que se faziam amarelos de mêdo — mêdo de quê?! — quando atravessavam a rua tranquilla com gente tranquilla tranquillamente passando.

E havia doidos. — Para que esgaravatava elle na sua vida — que afinal *devia ser* igual á dos outros? Para que se punha elle a espiolhar na sua alma, com a ancia de desenterrar memorias, de ha annos, de hontem, de ha uma hora — para amorosamente as colecionar e lhes dar vida? A culpa era sua!

E Marcos, reflectido e calmo, promettia *emendar-se*...

Estava um bonito dia? Pois ia sahir!

Sahiria só ou levaria a Carminho?

Não; sahiria só...

E logo a sua memoria (a sua medonha memoria!) esgaravatava no passado coisas *sem importancia* — coisas que acontecem a toda a gente...

Não; não levaria a Carminho; elle não tinha geito; era distrahido...

...E depois, a Cidade era má, a Cidade era bruta — elle lembrava-se!

Ainda elle namorava a Carminho; estavam quasi noivos.

Falava-lhe da rua; ella debruçava-se do peitoril da janella. Marcos não gostava de amar na rua — mas aquella rua era mansa, cheia de gatos durante o dia, de gatos e de sombra durante a noite.

E acanhava-se de penetrar naquelle lar; a mamã de Carminho era rigorosa e viuva...

Amava da rua, mas amava com dignidade, com palavras simples, e dôces e grandes silencios em que puxava o cigarro, vendo Carminho, em cima, destacando na sombra com uma mancha branca.

Uma noite, Marcos queria fumar e não tinha fosforos. — Era melindroso: repugnava-lhe pedir fosforos ao seu amor. Justa-

mente, um sujeito passava fumando um charuto.

Marcos afastou-se uns passos — para não expôr Carminho aos olhos d'aquelle sujeito:

— V. Ex.ª faz-me o obsequio do seu lume?

O sujeito parára um instante, fitára-o risonho, com as mãos enterradas nas algibeiras do casacão.

Deitara-lhe para a cara uma baforada do charuto em brasa, e girando e rindo:

— Pois o senhor não vê que eu não estou a fumar?!

Não! Sahiria só!

Levar uma mulher para a rua era uma bestialidade!

Para quê?

Para lh'acontecer aquelle horror que lh'acontecêra uma vez, numa rua da Cidade, vindo de passear á noite com a mulher?

Trazia-a pelo braço, Carminho encostava-se; a piquenina — linda filha! — ia adiante d'elles, trotinando contente, com as mãozinhas no regalo branco que o pai lhe dera no dia de annos...

E um rancho de bebedos desembocára de repente d'uma rua, invadira-os — acotovelaram a senhora, assustaram a menina!

E berravam medonhas palavras, terriveis palavras d'alcoice e de crime, que chegavam muito nitidas, decerto, aos ouvidos de Carminho e aos da piquena!

Elle bem sabia que ellas não entendiam! Elle bem o sabia! Mas não dormira nessa noite, e nunca mais sahira ás noites com ellas...

Sim! A rua era uma brutalidade, a Cidade era uma brutalidade, os homens eram uma grande brutalidade!

Sahiria só. Ao menos, sósinho — partiria a bengala em quem o escarnecêsse, racharia a cabeça de quem o insultasse!

Partiria a bengala em quem o escarnecêsse?

Parecia-lhe, agora, que partiria...

Do fundo da sua consciencia tão melindrosa e recta, uma vozinha erguia-se, cochichava-lhe:

« — Estás enganado: não partes... Parece-te agora que partes! Estás cá no predio, fechado na tua casa, dentro do teu quarto, a sós com a tua humilhação. Por isso te parece que batias.

Mas tu sabes que não batias, hein? Sabes ou não sabes? Ora vês que sabes que não batias? Não?!

Então porque não batêste naquelle homem do charuto? E Carminho viu tudo — estava á janella! E tu não lhe batêste; elle continuou no passo em que vinha, depois de te humilhar.

Ah! não lhe batêste porque não esperavas, ninguem poderia esperar semelhante brutalidade?

Ora, meu amigo! — Então porque não batêste nos outros, nos outros todos? Tu bem te lembras... »

Marcos, immovel, em pé, varado, ouvia a vozinha que continuava:

« — Tu bem o sabes: não batêste em nenhum. Nem no do charuto, nem em nenhum!

Porque tu, afinal, finjes sempre não ver, não ouvir... Tu bem te conheces; se te berrassem aos ouvidos: Ladrão! finjirias não ter ouvido — abrasarias dentro da tua alma — e concertarias, com um ar calmo e digno, as bandas do teu casaco ou puxarias os punhos da tua camisa!

Puxarias os punhos, acredita. E, dentro da tua terna, espavorida alma, gritarias:

— Mas eu não sou ladrão! Eu nunca fui ladrão!

Porque me chamaria este homem ladrão?

Chamou-m'o porque sabia *quem eu era*, e que não era ladrão! —

E fugirias para casa, atravessando com pavôr as ruas — á espera de que todos que te encontrassem te chamassem ladrão!

Chegarias a casa, desabafarias vagamente com a Carminho:

— Ai que vida, menina, que vida!...—

E pôr-te-ias a gritar dentro da tua alma, que esvoaçaria como uma ave ferida:

— E eu então que não protestei — que não bati no que me chamou ladrão! Mas, assim, *pareço* realmente um ladrão!... —

E não dormirias dez noites, a lembrar que parecêras um ladrão!

Que diabo! És assim feito — que lh'has de fazer, amigo *Marques?* »

E Marcos ia vestir-se... O dia, lindo! Carminho aconselhava-o:

— Sai. Faz-te bem sahir.

E Marcos, ás vezes, até pensava — olhando Carminho toda entretida a recortar folhetins:

— Ella parece que quer que eu saia.

Parece que tem lá o seu empenho em que eu saia...

Esta mulher é impossivel que tenha consideração por mim! Ella não s'esqueceu, com certeza, da noite do nosso casamento...

É impossivel que ella s'esquecêsse da *minha figura*, naquella noite!...

Ia vestir-se. Tirava o seu fato, vestia-se e pegava na bengala...

Mas que teriam os seus fatos, ou que teria o seu corpo — que nunca Marcos se pudera ver com os seus fatos?...

Elle via pela cidade gente bem vestida, e não eram só os ricos: eram muitos como elle, da altura d'elle, com o ordenado d'elle...

E achava-se sempre tôrto — as calças que o faziam mais gôrdo, os casacos esbeiçando desleixados!

Punha o chapeo, ao espelho... — Mas todos os seus chapeos se lh'enterravam na cabeça!

E Marcos, com um desalento infinito, uma quebreira na alma, a face afogueada e murcha, tirava o chapeo, arrumava o seu fato, encostava a bengala — e ficava fechado em casa todo o dia, todo o lindo dia,

com as janellas semi-cerradas, ouvindo vagos pregões...

Oh! a *praça* cheia de sol!

O lindo domingo cheiinho de sol!...

O pôvo, tonto do sol, acordára feliz na manhã de sol, fôra logo p'ra a rua — gosar o sol!

Por detraz do ceo tão azul como um manto estrellado de Senhora, presentia-se a bênção radiosa d'um Deus d'occidente, meridional e estroina, que atirava com sol, derramava sol, desperdiçava sol!

E este pôvo gosava o bem do sol, consoladamente aquecido á fulva lareira de brazas ethereas, lareira de pobres, riqueza de sol! E pobres e ricos, sob a bênção d'aquelle Deus, gosavam o seu dia de sol.

Havia esfarrapados, reclinados com preguiça nos bancos das praças, coçando-se e catando-se com meditação e consôlo.

Ranchos de crianças passavam pastoreados por pais endomingados e contentes, por amas garridas com laços e toucas.

Vivia gente que só vive ao domingo, e traz com doidice para a rua, no dia adorado, os fatos com polido de novo, os cha-

peos estreados, as alegrias encafuadas na semana.

Mendigos, mesmo, estendiam as mãos com bom humor, pedindo esmola — e por uma larga avenida um rancho d'operarios marchava a cantar, todos com cravos encarnados nos chapeos!

E a Cidade, a negra Cidade, dourava-se agora toda com um tom quente de pedra de cathedral, ao mesmo tempo amorenada e loira, nas torres d'igreja com sinos tocando, nos longes suaves da paizagem ribeirinha.

Domingo de sol!

E um arripio arripiára toda esta cidade loira, todo este povo contente:

— Os toiros! P'ra os toiros!...

E entre girandolas de foguetes, musicas a tocar, bérros alegres — a multidão precipitava-se para um circo, escorrendo do sol do dia de sol!

Sentado, com a Carminho ao lado, Marcos estava na *praça*...

O circo enchia-se, regorgitava já de sons e de côres, da loucura das côres que endoidecem tambem á luz. Fremitos agi-

tavam a multidão. — Queria-se que começasse! Vozes pediam, ordenavam que se começasse! E o circo todo arfava na ancia do lindo combate.

Marcos encolhia-se, porque ao seu lado, invadindo-o, acotovelando-o a cada bérro, um homem gôrdo, com chapeo de abas gomadas p'ra a nuca, todo desabotoado num fato cinzento — gritava contra o atrazo da hora, contra o silencio da musica!

Nos camarotes claros, mulheres douradas do ar da tarde palpitavam com manchas claras d'escarlate.

Subitamente a multidão pareceu ondular como a espinha d'um gato sob a mão que a acaricia. E um hino rompeu com velho donaire, derramou-se pelo circo com tangêres de metais de charamella, em compassos garbosos que encaracolavam os cavallos de manêjo, ritmavam na multidão a pressa de gosar.

Marcos encolhia-se, irritado. O seu visinho, agora, em pé no logar, batia palmas, gritava nomes de lidadores — sujára-lhe mesmo com os pés a aba do seu casaco novo...

E na arena, refulgindo ao sol, os oiros refulgiam nas sêdas; o cortejo entrava,

alinhava-se, entornando no ar macio e bafejado d'oiro os brilhos das vestes que cingiam, sob as capas bordadas, corpos fortes e dextros.

O combate feria-se; a multidão exultava!

Então, limpando escondidamente a aba do seu casaco novo — Marcos sentira uma tristeza mortal, uma desconhecida agonia amassada em todas as agonias conhecidas, subir como maré por elle acima, envolvê-lo, encharcá-lo, afogá-lo...

Um cavalleiro moço, vestido de sêda, empoado e radioso, lidava, com arte e sorrindo, uma féra que arremetia escumante e negra.

Direito no corcel ajaezado em guerra, subtilmente mandado e sem esforço, o cavalleiro, sereno e lindo como um santo em batalha, incitava a féra negra, galopava por diante das suas hastes, esperava-a, desafiava-a, erguendo no ar um ferro enfeitado! Até que a féra, escumante e negra, arremetia com a bruteza da sua raiva: e via-se sangrar o cachaço da fera, e vencedor e sorrindo o cavalleiro — entre a palpitação da musica e das palmas!...

Oh! ser bello e ser forte!...

Ser bello e ser forte na Vida como aquelle estupido era bello e forte a cavallo, naquelle circo, sob aquelle sol! Ser bello e ser forte, dominar os homens com a força, dominar as mulheres com a belleza e com a força!

Dominar a Vida, emfim. Mandar a Vida, sujeital-a, á bruta fera, como aquelle estupido sujeitava o corcel no combate, entre os seus joelhos nervosos, com as suas esporas de prata!

Ser bello e forte na Vida — não ser *Marques*, não se fechar em casa com mêdo da rua, não fazer rir os outros, mas poder fazer chorar os outros!

Marcos, com os olhos vagos, a cabeça vaga, olhando vagamente o combate vermelho da arena — regressára annos atraz, passeava pelo passado da sua vida...

Tinha dez annos. A tia Pureza morrêra, bem recommendadinha pela Religião. Elle estava já na cidade; o protector mettêra-o num collegio:

— Menino Marcos, o que quer ser?

— Sobrinho de governador civil, sr. comendador!

A esposa do protector levava-o comsigo a compras pelas lojas da cidade. Marcos, de

luvas, ficava á porta, a vêr a rua. Lá dentro, malandrões languidos requebravam-se para os seios apopleticos de madama, arqueavam os braços sobre os balcões cobertos de mercadoria.

— Este menino não é filho de V. Ex.ª?

— Não! Tudo por caridade...

Reprovado num exame! Um padre d'oculos ás gargalhadas para os collegas:

— *Elle* nem sabe onde é o Congo! *Elle* nem sabe onde é o Congo!...

Fôra num casarão longo e sórdido como um quartel. Pelos vestibulos de parêdes caiadas, com renques de macios azulêjos, grupos, pela penumbra, esperavam, coxixavam, discutiam em voz baixa, calculavam...

O ar ardente do mez de verão crestava esta gente inquieta e nervosa como os que escutam, pelas loterias, os pregões dos numeros.

Todos, mulheres e homens, transpiravam de calôr e de angustia, e cada um trazia comsigo um frenesi que o mordia e um lenço com que s'enxugava.

Ás hombreiras das portas que abriam para salas de luz crúa, com rondas de moscas no ar zumbindo, pessoas encostavam-se

m geito de saccos encostados, —
as unhas, interrogando o olhar dos
hiam, espreitando p'ra dentro. Crian-
ıpazes mais crescidos, todos mur-
pallidos, eram conduzidos por estas
s, esperavam com ellas, submissa-
De vez em quando sujeitos de as-
;rave passavam, com um ar sceptico
ɔcionarios endurecidos. — Abriam-se
ɔdos cumprimentavam estes indivi-
ıs mulheres saudavam com os sorri-
om os olhos, timidas e quasi ternas
ıs ovêlhas perante o carrasco; os
ɜ erguendo os chapeos com força,
o tambem, murmurando frases de
se ouvia: — ... *vossa excellencia!*
quella gente movêra-se mais nervo-
xando sempre; acotovelava-se diante
porta fechada.
. decisão. A decisão...
ıte d'esta porta, um velho, com um
ho pela mão, esperava com os ou-
ais trémulo, d'ouvido álerta, espian-
debaixo dos oculos. Era um velho
s rudes, vestido com um bem esco-
ɔ tapa-miseria e offerecendo aquelle
cansado de quem envelheceu a tra-
para os mais.

— É a decisão?...

A porta temerosa abriu-se, e appareceu no limiar um homem calvo, de barbas russas alouradas p'lo fumo, segurando na mão um quarto de papel.

— A decisão!

Fez-se um silencio mortal. O homem do papel repuxou as calças, cofiou o suor, olhou em roda:

— *Tudo reprovado.*

...Estava no seu terceiro andar. Chovia. A Cidade espapaçava-se em lama. Havia uma semana que chovia. Carminho tinha os olhos pisados, arrastava p'la casa umas pantufas velhas... Oh! a querida filha, doente — á morte!

— Fóra! Fóra!...

O homem desabotoado berrava, berrava agora contra todas as emprezas, contra todos os emprezarios — contra aquella pouca vergonha!

— Fóra! Pum! Pum! Fóra!...

...Doente, á morte. Querida filhinha! Vê-la crescer, levá-la p'lo braço, tranquillo no amparo fresco do seu braço, já sem pavôr dos outros, aos jardins da Cidade—vêr

as arvores, que dão sombra e dão flor, dão fruto e dão lenha, e nunca se riem de ninguem.

A *praça* furiosa esbracejava:

—Fóra! Fóra!

... Os homens todos eram umas feras?

Elle tinha a sua filha! A vida do mundo era uma perene crueza? Elle tinha a sua filha!

—Á unha! Á unha!...

... Doentinha, á morte. Amarella e magrinha, toda chupadinha na cama, sem querer brincar, sem poder sorrir, com medo do medico e dos remedios... Havia uma semana que chovia. Os dias eram verdes e baços; nas janellas a chuva partia-se em fantasias de pingos dispersados.

—Á unha! Á unha!

... Elle ia sempre á repartição. O serviço apertára, urgente; o chefe não podia dar-lhe licença—elle bem o sabia: não podia dar-lhe licença!

—Serviço urgente, *Marques;* servicinho urgente!

Servicinho urgente... Querida filha!

Na arena, agora, um homem de véstia pintalgada, um de face morena e suja de sangue, escarranchára-se na cabeça d'um

boi, emborcado nos córnos pela barriga, erguido no ar p'los derrotes da fera. A multidão applaudia. Tocava um clarim.

... Não sabia o que fazia, fóra de casa.

Nem s'importava com a sua vida — que lhe chamassem *Marques*.

E numa manhã de chuva baça que remexia na lama, acariciava a lama da cidade espapaçada, a piquenina agarrára-se-lhe ao peito, num terror de morrer — ella saberia que ia morrer?

— Papá! meu papá!

E sentindo-a morta, agarrada ainda ao seu corpo com as mãozinhas d'ossos, elle berrára pela Carminho — e déra um grito, como se lhe cortassem os olhos com uma navalha de barba!

E, muito tempo, elle pensára:

«— A mim o que me falta é uma grande dôr, que me arrebente, que me enobreça, que funda dentro de mim, como se derretem ao lume bolinhas de cêra, todas as miseriazinhas da minha vida...»

E a sua filha estava morta. Lá em casa, a fazer-lhes companhia, installára-se a mãe de Carminho. Chovia, chovia... Vestiram a menina, deitáram-na na caminha; a mamã de Carminho accendera duas velas.

Marcos sentára-se aos pés da cama, gosando, sem lagrimas, *a sua grande dôr*. Ouvia sempre a chuva; via sempre a piquena. Mas a mamã viera até o seu poiso (ella gostava da piquena, coitada!) e perguntára-lhe chorosa:

«—Já foi á agencia?»

«— Á agencia?»

«— Sim, á agencia.»

«— Qual agencia?»

«— A uma agencia!»

«— A uma agencia?»

Erguêra-se, com um pulo! A Agencia!... Elle esquecêra-se: os mortos enterravam-se, as agencias serviam para enterrar os mortos; a piquena morrêra, elle devia servir-se d'uma agencia!

Corrêra ao seu guarda-chuva! Chovia, chovia...

O guarda-chuva não apparecia, não apparecia!

Rebuscaram todos os cantos: não apparecia!

Mas porque não sahía elle sem guarda-chuva?

E elle não apparecia! A mamã, então, trouxe-lhe a sua sombrinha, uma sombri-

nha alta, com cabo d'ôsso — metteu-lh'a na mão, alumiou-o á sahida:

«— Leve a sombrinha. Vá depressa. Cuidado com a sombrinha!»

Sahiu para a rua, achou-se sósinho na rua negra.

O vento assoprava, redemoinhava; a chuva cahia — a sombrinha gemia, co'o cavernâmezinho todo abalado pelas lufadas.

Da rua, olhou para o predio: tudo nêgro; só no terceiro andar, numa janella, havia luz... Era no quarto d'elles, onde a piquena estava morta. Bem. Era preciso mas era ir á agencia! (Elle queria ser forte; a sua dôr ensinava-o a ser forte, porque era uma grande dôr.) Mas elle não sabia de nenhuma agencia! Não se lembrava de nenhuma agencia — esquecêra-se, com a pressa, de perguntar onde eram as agencias! Largou pela rua abaixo, cobrindo-se com a debil sombrinha, receando pelo trastezinho. Patinhava na lama com passos pegajosos... E os beiços tremiam-lhe, começava a ter uma grande vontade de chorar... Porque, emfim, elle ia mas era encommendar o enterro da piquena! Elle ia mas era escolher o caixão da piquena!

Perder para sempre a sua filha... O

ventro assoprou — a sombrinha partiu-se! Assustado e córando, mettera debaixo do braço o trastezinho quebrado, com as varetas espetadas, o passo murcho como bexiga picada! Caminhava com pressa — lembrára-se d'ir a um chapeleiro. Mas elle tinha mas era d'ir á agencia! Um sujeito prestavel abrigou-o com amisade, falou-lhe com amisade: »

«—Então, *Marques*, por aqui a esta chuvinha? »

«— Onde é a agencia? Onde é a agencia, menino?»

O sujeito ensinou-lhe logo uma agencia. Era mesmo freguez d'essa agencia. Tinham-no servido com prontidão, aceio e economia quando lhe morrêra a mãe, quando lhe morrêra um filho...

«—Então, numero 39, hein? 39? »

«— 39. Á esquina. É uma casa séria, tu verás: — é uma casa que sabe servir, que sabe fazer as coisas! »

Encommendára o enterro. Voltára para casa. Tinha a cara a escorrer. Estava todo a escorrer — e espirrava, espirrava, espirrava.

Levava sempre, sob o braço, a sombrinha da mamã. Entrou em casa — espirrou.

Entregou a sombrinha — espirrou.

Enxugára-se, sentára-se aos pés da cama... Espirrava, espirrava sempre!

Lembrava-se de ter chorado, espirrado, assoado, chorado — de ouvir a chuva sempre a cahir...

E, pela madrugada, dormitára e sonhára:

Chovia sempre; o dia nascêra rôxo e verde como se o sol morto alumiasse, de dentro d'um frasco d'alcool, com luz arrefecida e morta.

Já eram horas! Já eram horas! E os diabos da agencia não vinham! Elles não haveriam entendido o seu recado? Perder-se-ia a sua morada — terceiro andar, esquerdo?

O dia fôra singularmente curto: anoitecia outra vez e sob a chuva o crepusculo descia, molhado e arripiado. Decididamente, elles não tinham entendido; elles tinham perdido a morada; elles com certeza já não vinham! Marcos desabafava:

— Isto só a mim! Perdêram a morada!

Assoava-se. Uma furia crispava-lhe as mãos oleosas, os olhos grossos da noite em claro.

— Isto só a mim, só a mim!...

Bem. Mas a piquena havia de ficar ali, estendidinha na cama, desinterrada e mor-

ta, contra os preceitos da Lei e os da Decencia?

Isto só a elle: tinha d'ir elle enterrar a piquena!

A mamã receava vagamente a Policia; Carminho soluçava. Tinham com certeza perdido a morada! E ambas concordavam, convencendo-o, desbastando-lhe os escrupulos confusos:

— Que o anjinho era leve, e então com a doença ficára mesmo uma penninha. Elle que levasse o anjinho debaixo do casaco, e ambos resguardados pelo guarda-chuva. Que tivesse paciencia! Que eram dois passos.

Isto só a elle!

Mas decidiu-se: era preciso: tinham com certeza perdido a morada. Agarrára no anjinho, com medo de fazer doer... Ih! que magrinha, tão levinha, coitadinha! As mulheres choravam, queriam dar beijos, aconselhavam-no:

— Que tivesse cuidado no cemiterio. Já fazia escuro.

Descêra para a rua, com o cadaver nos braços.

E se elle agora encontrasse alguem conhecido?!

O cadaver era uma penninha; nem se sentia nos braços. As ruas tinham escurecido mais; e aquelles candieiros, com bicos sangrentos a arder, espalhavam apenas sombra.

— Oh *Marques*, pchiu!.... Oh *Marques!*

Estremecêra; apressára o passo p'la rua fóra! Tinham-no chamado!... E a voz chamava sempre, ainda proxima:

— Oh *Marques*, pchiu!... Olha!

Disparára com pavôr p'la rua adiante. Era uma corrida desfechada, através ruas largas, com grandes armazens illuminados; através praças, travessas esconças, escadarias empinadas, bêccos sem sahida. Suava, arquejava, morria de cansaço. Sob um portal de rua deserta, parára a descançar, raciocinára o seu mêdo:

— Tudo por elles terem perdido a morada! Só a mim.

Mas estacára, com a bôcca aberta, o coração parado, — os braços vasios:

— Perdi a menina! Perdi a menina!...

A festa acabava. A tarde morria, dourada e serena. Marcos apoiava as mãos geladas na bengala; olhava Carminho, afoguea-

da da festa, com um risinho feliz de quem gosou o seu domingo.

Ella tinha remirado o cavalleiro...

Vira-a sorrir para aquelle moço, bello e forte no corcel de batalha.

Marcos considerava a sua vida: *o seu destino*. Elle sentia que tinha caspa no casaco. — Nunca pudera evitar que lhe cahisse caspa no casaco!

A multidão, calada, fundida no lusco-fusco, esvasiava o circo, lassa do longo prazer intenso como um coito.

Iam accender-se as luzes...

E foi á sahida da *praça*, pela noitinha do domingo glorioso, com a Carminho ao lado entre a multidão apressada e lassa — que Marcos decidiu matar-se.

*

XII

Uma noite tambem sonhou que morrêra...

Exalou o derradeiro suspiro (que elle mesmo ouvira) deitado na sua cama de ferros luzentes, com Carminho ao lado debruçada para elle:

— Que tens? Que tens? Manda-se chamar o medico?...

Marcos sorria. Sentia que pairava já por sobre as cabeças de todas as Carminhos; e a sua alma, sem poder ainda desembebêr-se do seu corpo, lentamente se despegava da prisão mortal, anciando pelo espaço livre...

Estivera assim a morrer longos instantes.

A sua alma, ondulando e reondulando, parecia-lhe o fluxo e o refluxo d'uma onda morna que alastra e recolhe a sua franja, para alastrar ainda e recuar depois...

Era como um soluço que o embargava, isso que afluia á sua garganta, e que elle ia soluçar — sentia-o — como uma bola de sabão desfeita...

E não era doloroso, morrer.

Embalado nas ondulações do passamento, Marcos via Carminho branca, olhava-a através d'um nevoeiro de manhã nevoenta, que irrealisava nella as linhas da sua frontezinha burgueza, o olhar dos seus olhos, tão dôcemente vulgar, tão estimado durante a vida mortal...

Durante a vida mortal? Era verdade, bem o sentia; elle ia deixar a vida mortal:

— Vou morrer! Vou morrer, caramba!..

E num breve repelão que assustára Carminho, entrevira o misterio da jornada, acocorára-se no terror da morte...

E sentiu que estava môrto.

Agora, a alma de Marcos, pousada na pedra d'uma commoda de mogno, considerava com surpreza a sua morte, a sua nova situação na Vida.

Mas elle seria ainda Marcos? Elle teria

ainda de ir á repartição, assim com a alma despida do corpo (como um sabre arrancado da bainha) assim nú do seu decente envolucro — apavorar decerto o seu chefe, perturbar o serviço? E, oh coisa mais que todas estranha! de cima do seu poiso, onde *sentia* não occupar espaço, a alma de Marcos via o corpo de Marcos, o corpo que a vestira, que tão mal a servira, estendido na cama, immovel, morto!

Era elle. Tinha sido elle...

E debruçada para esse corpo desagradecidamente virado para a parêde, que fixava a parêde com os olhos vidrados, e entortava a bocca no ultimo spasmo da morte, — Carminho gritava com gritos surdos, no terror e no espanto da verdade:

— Marcos! Marcos! Tu estás morto? Tu estás morto? Oh! meu Deus!...

De cima da cómmoda, vendo Carminho assim afflicta e chorosa,— no perigo de lhe dar alguma coisa, — a alma de Marcos quizéra socegá-la, á pobre amiga que aquelle bruto corpo apavorava:

— Sim, filhinha, estou morto. É verdade; estou morto! Falleci ha bocadinho, filha. Mas, verdadeiramente eu não estou morto; porque estou d'aqui a vêr-te e a

ouvir-te, aqui de cima da nossa cómmoda. Isto da Mortezinha não é tão mau como tu julgas...

Mas, novo horror! tudo isto Marcos o *pensára*, nitidamente o pensára, com uma nitidez preciosa, de immortal, que nunca a sua alma gosára nos confusos tempos mortais; — e a sua alma, que tão humanamente contemplava ainda a Vida, não podia communicar com a Vida! não podia chamar, ralhar, fazer-se ouvir!...

Carminho desmaiára. Em baixo, na rua, duas vozes asperas ralhavam.

Era ainda cêdo. Elle ouvira dar as nove horas nas torres — estava para morrer, pensando em faltar á repartição.

Mas, assim como Marcos não possuia a sua voz, Marcos não possuia tambem as suas mãos, os seus braços — certamente porque não possuia corpo — esse bruto corpo que se inteiriçava na cama, virado para a parêde, e já decerto arrefecendo...

Marcos, esgazeado d'espanto, imaginando que cruzava os braços, imaginando que transpirava d'afflicção, pensava:

— Mas eu estou morto ou estou vivo?! Se estou morto, porque penso? Se es-

tou vivo, porque está ali morto o meu corpo?

E julgava arripiar-se (porque ainda as sensações do seu corpo mortal illudiam a sua immortalidade...) arripiára-se d'este pavor de *vida!*...

Então elle ia durar assim a eternidade, vendo e ouvindo a vida, pensando a vida — e irremediavelmente pôsto fóra da Vida, pela razão de pertencer á Morte? Mas se isto era a *morte* — era peior que a vida!

Fluctuando levissimo no quarto, esquecendo Carminho no apêrto de entender a sua nova vida ou a sua morte, Marcos comparava-se a uma luz d'estrellinha que brilhasse dentro d'um farrapinho de nevoeiro...

Fluidissima, a sua alma subia e descia no ar que sentia espêsso para a leveza dos seus vôos leves, tão leves, irrealmente leves, que Marcos traspassava sem esforço as paredes do predio. Visitára o andar de cima, subindo através do tecto estucado; estivera no telhado e vira a rua mediocre e cheia de sol: o Sylvano da Pharmacia lendo o jornal, á porta; a Autoridade rondando a paz tediosa do bairro; voltara para o pé de Carminho — e tudo isto tão fresca

e ethereamente executado que Marcos considerou com desprezo o seu antigo corpo, atarracado e baixo, estatelado naquella cama; esse corpo que transportára a sua alma com tanto vexame, tanta sordidez: a sua cabeça onde todos os chapeos se enterravam, as suas pernas que cansavam ao subir escadas, que tremiam ao atravessar as ruas...

Sim! libertara-se finalmente do seu corpo felpudo e fatigado, esse diabo de corpo que encerrava um ventre que gemia, um estomago que azedava, um figado que amargava, um coração que batia, batia!...

Livre, emfim, graças a Deus, d'esse mazombo envolucro mortal — e nunca mais teria de comprar chapeos, de usar guarda-chuva, de fortemente atar (*para se não desatarem na rua!*) os atilhos das suas ceroulas, de sorrir á obesidade do seu chefe, de trotar pelas ruas com medo da multidão...

Carminho ia despertar...

Como havia de agora ser aquillo?— Que iria succeder á pobre senhora, sósinha naquelle quarto com aquelle morto, aquelle bruto cadaver de Marcos que não ouvia, não via, certamente não se importava, como

a alma de Marcos, com este horror de scena, — com esta desgraçada viuva?

Marcos não se lembrára de que *tinha viuva:* pensára, até ali, que ainda tinha mulher, como de *antes*, na vida...

E a alma de Marcos, sem Marcos mesmo saber porque, desgostou-se com isto de ter viuva, de deixar uma viuva na vida, vivendo elle, elle o marido, na Morte! Sim senhor! Fôra mais bonito, mais proprio de Carminho, acompanhá-lo a elle, a elle Marcos, na morte, como elle Marcos a acompanhára na vida — o melhor que pudera, com aquelle ordenado e aquelle temperamento...

Fôra mais decente; até mais decente! Fôra mais decente para aquella senhora morrer com elle, vir d'ali com elle; abandonar esse corpinho que padecia tambem das miserias, das piquenezas, das enjoativas necessidades mortais: chá com torradas ás noites, pantufas de feltro no inverno, um vestido para sahir á rua...

Porque não morrêra ella? Porque não tivera essa mulher a lembrança de morrer quando elle morrêra — para o não deixar só, para lhe não dar cuidados na Morte, para ter alguem ao pé d'elle, nessa terrivel

eternidade? Que ficaria ella *lá* a fazer, num mundo estupido onde os vivos se mettiam á bruta com as mulheres, esses canalhas dos vivos?!

Ella não sabia isto? Ella não tinha obrigação de saber isto, vivendo com elle, *sabendo como elle pensava?!*

Diabo de Carminho! Ia ser, na rica Vida, uma viuva bonita!...

E elle? Elle, seu marido, elle, desgraçado Marcos? Elle — morto! Morto?! Não, com todos os diabos! Vivo!...

Vivo para soffrer! Vivo ou morto, não sabia, não se entendia — ninguem cuidaria que a Morte era este estupor de vida! Mas, vivo ou morto, ahi estava elle reduzido a uma luz d'estrellinha brilhando dentro d'um farrapinho de nevoeiro, a pensar melhor do que pensára em vida — e com esta prenda inacreditavel de furar sem esforço (como o sol as vidraças) as paredes dos predios e os tectos dos quartos!...

Assistira ao seu enterro, ao do seu bruto corpo mortal, depois de espreitar Carminho, bonita no vestido de luto, que punha num destaque novo a sua pallidez de

viuva linfatica. Pobre rapariga! E adejára á roda da sua cabecinha curvada, ainda espantada d'aquella scena da sua morte, sósinha com aquelle corpo n'aquelle quarto!

Como uma subtil borboleta que a luz fascinante impelisse e affastasse, a sua alma palpitára em torno da sua viuva; tocára os seus olhos, que pestanejaram; passeára pelos seus cabellos, descêra ás suas mãos abatidas nas mangas pretas do vestidinho usado...

Sentada ao pé de Carminho, a mamã, gôrda e pesarosa, acabava por certo de consolar Carminho, amparava com experiencia esta dôr de mulher combalida.

Depois, pelas escadas, fôra um ruido de botas pesadas martelando os degráos, grossas patadas de pernas retêzas, como de gallêgos que fazem uma mudança. Era o seu corpo que descia, encerrado n'uma caixa polida, coberta com um pano negro.

Marcos notou mesmo grossos pingos de cêra que sujavam aquelle pano; e reprovou o descuido d'aquelles homens que estragavam esse decente veludo, a falta d'aceio das agencias, a carestia dos enterramentos...

E estes criados da Morte, os gallêgos

das mudanças suprêmas, tinham já depôsto numa carrióla negra o seu pesado caixão.

Chovia... Elles arripiavam-se, catavam as suissas aparadas rentes nas caras — nas caras que guardavam, por misteriosa influencia de profissão, uma expressão de jazigo e de tócha, de lacaios e de sacerdotes; e consideravam com gatopingadismo esse raio de passeio até o cemiterio, debaixo da chuva, com as casacas negras encharcadas, os bonés pingando para os pescoços, e os fumos negros, como véos ligeiros d'amazonas, ondeando ao vento da invernia chuvosa!

E appeteceu-lhe que despachassem depressa aquella encommenda, que largassem pela rua adiante — mesmo para aquelles homens poderem beber, na taberna fregueza do cemiterio, o bom alcool que desentorpece do frio. Visinhos, abrigados por guarda-chuvas, gosavam a partida. Marcos reconheceu alguns que cumprimentava de antes, quando os via nas janellas.

Lá estava na sacada d'onde se debruçava para os aspirantes, a Georgina, a do Sylvano da Pharmacia.

E Marcos considerava a popularidade do

seu cadaver, a festa intima que offerecia á sua rua. O seu chefe não assistia; compreendia-se... Como poderia elle rebolar dos cimos da Administração, por aquelle dia de chuva, até ao enterro d'elle Marcos? Mas dois collegas assistiam; tinham decerto pedido licença; aproveitavam depois o dia, iriam á noite ao theatro...

Roldão, o bom amigo Roldão e o magro Poeta, tinham vindo tambem—pobres rapazes!

O Amanuense desapparecia debaixo do seu guarda-chuva, lembrava um cogumelo enorme que brotasse da terra e de que as perninhas do corcunda fossem a haste fragil; e o Poeta levantára a gola do seu fraque, aconchegava-a com a mão que a manga curtissima despia e o ar enregelava.

Pobres amigos! A despeza do trem, só para acompanharem aquelle bruto corpo ao cemiterio!

O Poeta sabia elle que nunca tinha andado em carruagem; lembrava-se até que elle invejava os que rolam nas suas carruagens brandas através da Cidade, sobre molas macias em todas as calçadas —nesses piquenos lares ambulantes, cheios de confôrto e d'estofo, onde seria bom rolar tam-

bem, compondo um poema e vendo a multidão.

E, oh mimo comovente! Marcos reparou então numa corôazinha preta e rôxa, pendurada na trazeira da carrióla, que resistia sêca, redonda e furada, aos estragos do tempo na sua carcassa mimosa!

Surpreza gentil dos collegas, coitados!

Tinham-se cotisado, na vespera, talvez lá na repartição. E da corôazinha preta e rôxa, umo fitinha preta e rôxa pendia...

O cortejo abalava; o postilhão cruzára as pernas, falava ao gado.

Roldão, á portinhola da tipoia, com os braços erguidos, diligenciando fechar o guarda-chuva emperrado — molhava-se, furioso!...

O Poeta ia gosar o seu primeiro trem.

E a alma de Marcos, adejando em roda da mimosa corôa funebre, lêra na fita pendente esta dedicatoria:

Ao nosso collega Marques
Tributo de consideração.

Ha quanto tempo, ha quanto tempo a alma de Marcos vagueava, errava pelos

mundos, errava, vagueava através do Universo? Não sabia. Perdêra talvez a noção do tempo, a do espaço, a da luz; só a sua consciencia immortal se prolongava, intensa e perfeita como um vivo organismo, no seu Ser tão consciente e real como na vida da terra. E Marcos era ainda e sempre Marcos dentro do farrapinho de nevoeiro illuminado por uma luzinha d'estrella, vivendo a Morte para além da Vida.

Iniciado nas vadiagens infinitas, elle percorria o Infinito com a leve vastidão dos seus vôos immortais. Vira os Soes, os enormes Soes que descrevem com paciencia e fadiga as suas orbitas eternas, transportando através do espaço êrmo a vida dos homens e a vida das coisas, navegando como grandes navios fantasmas, rompendo as atmosferas com um assobio zunidôr de vélas de moinho.

Logo acamaradado com outras luzes d'estrellinhas brilhando dentro de farrapinhos de nevoeiro, Marcos gozára a constancia d'essa camaradagem immortal; e ei-lo vagabundiando com ranchos divertidos, em passeios instructivos pelos mundos. Pela primeira vez, elle aprendia!

Aprendia a Vida, que, na Terra, nunca

entrevira e nunca meditára, tão encolhido trotára nas ruas, humilhado de si e dos outros... E a Vida, emfim, era maior que a Rua! O que era a autoridade de todos os chefes? E o amor de todas as Carminhos?

Marcos ria-se. E até quando chegava d'um astro ou quando partia para um novo astro, a sua alma considerava, perante a immensidão do seu saber, no uso restricto que lhe era dado fazer da sciencia magnifica:

— Se eu agora fôsse da Terra — isso é que era gozar o meu chefe!...

Mas elle já não era da Terra. A Terra parecia-lhe de lá do espaço em que de leve o farrapinho ethereo palpitava — uma verruga piquenina que nascera na face d'aquelle ceo.

Assim os tempos rolaram, apressados e pesados, carcomendo a eternidade combalida. E a alma de Marcos, em um bocejado dia da sua immortalidade, lembrára-se, emfim, de descer á Terra... Ora! a Terra! Para quê? Para que revêr a patria da sua longinqua miseria, essa pilulazinha de lama amarga onde a Vida, com certeza, continuava, continuava como um eterno folhetim aborrecido? Tudo lá devia de ser

piqueno e triste, como era condição que fôsse. — Os sobrinhos dos governadores civis seriam sempre tratados com deferencia; as tias Purezas continuariam a ser piladas, a dar a mão a beijar aos orfãozinhos recolhidos com caridade sêcca; os chefes engordariam; e os *Marques* continuariam a ter mêdo da multidão, a deixar as Carminhos vagas para vivos atrevidos...

Mesmo assim, Marcos abalou para a Terra, com curiosidade humana, atravessando, em jornadas de vôos impossiveis, as enfadonhas, aridas charnecas infinitas. Mas a Terra era uma grande quinta, farta e saudavel, onde os homens viviam da sua mãe agora bemdita e commum: a Terra. Tranquillos e fortes, felizes e bellos, e sob um sol de remoçado brilho para alumiar aquella Vida nova, os homens semeavam e recolhiam da terra, gozavam todos uma felicidade nova: a felicidade de viver.

Immensas e maduras searas cresciam, aloirando a luz que as afagava, nos logares onde outras gentes, d'epocas distantes, tinham ferido as guerras e construido as illusões.

O amor, na simples lei do amor, era o amor dos que se amavam, com livres bei-

*

jos e livres abraços, diante da luz e das arvores.

Na abundancia commum da ventura commum, as criaturas amavam-se, o pão aloirava, as fontes davam de natural beber.

E Marcos aprendeu que estes Homens, que lhe pareciam, emfim, os «Homens»— não tinham patrias nem tinham leis.

E mesmo Deus, que abandonára tedioso os remotos templos e altares, era agora divinamente esparso na Terra: nas luzes dos soes e nos ramos das arvores, no pão que crescia e nas ondas do mar.

XIII

Despertou sobresaltado.

Já chegaria tarde á repartição!...

Tinha a bocca pastosa. Sentia a cabeça gosmenta do sonho. Vestiu-se apressado.

Cosia vagamente frangalhos do sonho. Mirou ao espelho a sua barba de dois dias:

— Não tenho tempo de fazer a barba!

Passou com desgosto os dedos pela face. Estava pallido; a barba azulava-lhe o queixo; o bigode pendia, sêcco e espalhado.

Elle achava-se sempre mais feio, de manhã...

— Já chego tarde!

Foi para a mesa; enguliu o almoço. Ergueu-se desconfortado, com o estomago

arrefecido dos ovos já frios, da morna chavena de chá.

— Até logo.

Tropeçou na escada. Era uma manhã de leve nevoeiro, arrendado e fresco, que o sol apenas começava a dourar.

Numa torre vizinha, um sino grave começou a bater com lentidão as horas. Marcos contou-as mentalmente, descendo apressado a rua.

—...Tres. Quatro. Cinco...

As badaladas compassadas badalavam.

— Chego tarde! Chego tarde!

Trotou com pressa. Chegar tarde!... Fôra sempre um dos terrôres da sua alma. O seu relogio estaria sempre atrazado?

— Chego tarde!

Elle nunca pudera travar com razões a sua pressa! Ia ao theatro? Jantava a correr, mastigava mal, erguia-se mal comido — enfiava pela porta... No theatro, á sua chegada, as luzes fracas deixavam a sala numa penumbra de frio e silencio.

— Chego tarde! Chego tarde!

Corria quasi pela rua. Pessôas tranquillas, caminhando com diligencia, ficavam-lhe para traz, alcançadas pela sua pressa crescente.

—...Sete. Oito. Nove...

Dobrou uma esquina. Dois braços filaram-no, emperraram a sua pressa:

— A mamã morreu! A mamã morreu!...

Roldão! Era Roldão que o colhêra, com desespero e musculo, gaguejando agarrado ao casaco do amigo. A mamã morrêra!

Elle ia justamente procurá-lo a casa. Morrêra naquella madrugada; estava mais triste e mais murchita ha dois dias. E morrêra! Elle ficára a fazer-lhe companhia, de noite; comprara-lhe rebuçados, os melhores rebuçados — dos mais caros! A mãe já nem queria comer os seus rebuçados. Elle passára pelo somno. Vira-a socegadinha, e passara pelo somno. Accordára com repelão, assustado de ter dormido. E achára a mamã já morta!...

Gaguejava de cansaço e de angustia, sem largar o casaco do amigo. O corcunda estava ivido; a luz da manhã desenhava-lhe as rugas, as brancas do cabello, salientava o raquitismo d'este corpinho todo torto.

Conhecia-se que se não lavára desde a vespera, que sahira para a rua atabalhoado e meio nu.

Trazia aos hombros uma capinha preta que lhe cobria o tronco, lhe encapuzava a

bossa, o vestia todo com a fidelidade dos tapa-miserias.

A mamã morrêra! Marcos que desculpasse, mas elle ia pedir-lhe um favor, um grande favor!

— Pronto, menino! Se eu pudér...

Era sincero. O Amanuense affligia-o com aquella entaramelada angustia, a sua magoa d'orfão espalhada na rua, entre o nevoeiro dourado da manhã.

— Eu não tenho dinheiro p'ra o enterro. Tu bem sabes: os enterros são caros, eu queria que a mamã fosse decentinha para a cova... E não tenho dinheiro! Paguei a renda, paguei os rebuçados, paguei o guarda nocturno... Desculpa, filho!...

Chorava. Marcos atalhara-o com energia. Que tudo se havia de arranjar, que o pobre amigo fizera bem de contar com elle! Lá em casa sempre haveria um dinheirinho — e Carminho mesmo pediria á mãe...

O Amanuense, amimado, limpava os olhos, agradecia, embrulhava-se todo na capinha negra. Marcos pensava:

— Bem. Hoje falto á repartição.

XIV

Um dia vazio...

Estava á janela, c'os cotovêlos na sacada, a cabeça nas mãos, um cigarro nos beiços...

Roldão desapparecêra rapido na esquina.

A rua era socegada e familiar. Á porta da Pharmacia, embebido nos annuncios, Sylvano lia. A Autoridade rondava a paz tediosa do bairro. E a fisionomia parada e livida dos predios prolongava-se, olhando p'los olhos estagnados das janelas, olheirentas da noite passada, exhalando para a rua um cheiro a somno, a balde cheio, a cama desfeita...

Nunca a rua bocejára um tedio mais môrno, mais bem bocejado. E nunca, desde a tarde de toiros, lhe parecêra a elle tão facil, logica e firme, a sua pensada tenção de se matar...

Seguia devagar, ao acaso, com as mãos inuteis, atraz das costas... Elle queria uma morte decente e uma morte rapida, e não queria «dar espectaculo.»

—E ninguem saberá da minha serenidade!

Ia sereno e forte, gozando a cheia hora da sua vontade, heroica hora em que a sua alma, liberta dos alvoroços desalinhados, das suadas pressas—firmemente resolvia e firmemente executava. Á sua roda, ali, pela anciada cidade, a vida fervilhava e suava: os chefes mandavam, fabricas mastigavam o seu pasto d'obreiros, Roldões anhelantes pediam dinheiro emprestado... E para elle, a caminho da sua buscada morte, esta dôr não era já senão um aspecto, tão illusorio e transitorio como se elle, trepado ao cume d'um monte altaneiro, olhasse em baixo a paisagem entre neblinas...

A rua, sob o ardor do sol, fervilhava no vai-vem do seu dia. Elle olhava, caminhava lentamente.— Uma mulher passou ao seu lado, despenteada, reluzente de suor, acotovelando os outros com a sua angustiada pressa. Adiante, a uma esquina, um homem alheado, franzindo a testa no esforço d'um calculo, contava e recontava um dinheiro, verificando, passeando as moedas nos dêdos. Na borda d'um passeio, um operario, ajoelhado no chão, martelava a golpes raivosos, com os musculos crispados, a tampa d'um caixote que não cedia!

E nos olhos de Marcos, a cada entrevisto e vulgar episodio da rua, um clarão d'intelligencia sorria — o amoravel sorriso de quem compreendia...

Roldão, uma vez, dissera-lhe:

— Isto da Vida é passar o tempo a puxar p'la gavêta emperrada d'uma commoda!

A vida é má só porque a contingencia domina o esforço nobre, a vontade pura, o desejo forte. — Nada ha grande que não dependa d'uma poeira. Ser feliz em amor depende d'uma viscera.

Se uma alma ganhar o Paraiso e se á entrada da porta do ceu, ante a galhofa

das almas eleitas, esbarrar e rolar no chão divino—eis para sempre o Paraiso estragado.

E cada homem, martelando uma tampa que resiste ou tombando na lama d'uma rua, representa a mesma amolgada coisa humana: a dôr de não poder, a humilhação de viver!

Humilhados, com os musculos crispados num caixote ou com os dêdos tremulos recontando moedas, elles, então praguejam ou sorriem; e duas multidões, uma aos uivos, outra calada e tragica, accusam a vida, — bufam grotescas ou vencidamente e pallidamente sorriem...

Ahi estava a vida dos que patinham na vida, a dos suados que despregam tampas, a dos que não teem dinheiro para o enterro das mamãs defuntas!

Mas bufando, com o sangue na face, praguejando ou sorrindo, estes vencidos da mediocridade mereciam ao menos a piedade amoravel dos outros, a simpathia intelligente dos homens?

A caridade humana é uma dona exquisita, cuja fina lunêta de miope, que ella assesta para a Dôr, lhe deforma e entorta as terriveis imagens. Que compaixão vi-

brará com a dôr d'alguem que sahirá de guarda-chuva sempre que não chover? Que olhos de criatura se cavarão de dôr com a dôr d'um homem que chóra e que espirra? Estupida caridade!

Mostrai-lhe um velhinho que tem fome e ella dar-lhe-ha talvez umas sôpas; mostrai-lhe *Marques* que s'esquece da carteira e ella esfregará as mãos de divertida! E todavia, d'entre as dôres dos homens, as dôres de Marcos são as dôres *sósinhas*... Os heroes virão e dirão: — Soffrêmos o amor, padecêmos o exilio, a incompreensão dos homens! — E as criaturas espalharão as rosas. Mas se Marcos vier e disser: Cahi na rua e fiz rir toda a gente! — os outros hão de rir da partida burlesca.

Espavorido das risadas dos homens, *Marques* terá no ceu a indifferença de Deus. Deus é um Director Geral, poderoso e distante, que galopina com politica os planêtas errantes e não baixa as vistas tão altas até os mesquinhos, humilhados e amolgados. Que lhe faz que numa praça a figura da Fome, vestida de bailarina, se ponha a uivar uma canção de riso? Sobretudo que lhe importa que os *Marques* se estatelem na lama, sob a chufa dos firmes? Immenso e inutil,

é tambem dos fortes, poderosos ou ricos que conseguem, — á força de Poder ou á força de Dinheiro, — disciplinar, harmonisar a vida... Que crente resaria esta oração tão pratica?

— Senhor meu Deus, fazei com que me não estatele na rua, para que meus irmãos se não riam de mim. Fazei, Senhor, com que o meu ventre não impeça a minha alma, com que o meu chapeo não s'interre p'la minha nuca, com que me chamem p'lo meu nome sonóro.

Roldão — pobre amigo! — numa noite de sonho inventára uma *Escola de Dôr*.

Haveria uma escola, uma universidade ambulante como um theatro de saltimbancos, que correria as cidades lôbregas, as aldeias tristes, os bêcos negros, as prisões atulhadas!

Os professores — filosofos corridos, poetas sem obra, ladrões a monte, mendigos nús — ensinariam a Dôr... E do fundo d'esta tolice immensa, uma verdade resultava esplendida: os homens não sabiam a Dôr, e era forçoso ensinar-lh'a...

— Adeus, *Marques*.

Saudou, sorrindo.

Era um conhecido, um antigo collega

— um que tinha geito para subir, para trepar!...

Marcos conhecêra-o pelintra e humilde. Emprestára-lhe uma vez quinze tostões. Depois os chefes entraram de protegê-lo, de apreciar-lhe a actividade, de recommendar-lhe o talento. — A mulher era bonita. Elle tinha sorte, tinha geito... E estava quasi poderoso, a caminho de poder e de mandar!

E bem vestido!...

Entrevira no relance o antigo camarada, que erguia a bengala ritmando a sua marcha com a ponderação de quem considerava naquelle ebano a autoridade dos bastões de commando...

E nunca lhe restituira os quinze tostões.

A um lado d'aquella rua um largo portão de ferro, com ramos d'arvores esgalhando-se nas grades, serenamente abria para um jardim. Marcos entrou; caminhou por uma alameda fresca e silenciosa, bem ensaibrada e varrida. A luz difusa e verde refrescou-o; desfranziu os olhos magoados da luz.

Ladeadá de velhas arvores cujos troncos, sobrepondo-se e fundindo-se na distancia, davam á repoisada vista a illusão d'uma parêde d'arvores, a alameda desembocava num largo ajardinado e florido. Um repuxo subia d'um grande tanque onde plantas abriam, entre peixes familiares. Sentou-se num banco, ao pé da agoa... Que delicia! Uma grande calma chovia do ar, coada pelos ramos, refrescada pelo canto do repuxo.

A Primavera!... Todo o jardim adivinhava a Primavera! Era uma resurreição que andava na terra, se embebia nas raizes das arvores, s'espiritualisava nos ramos em flôr, na candura do ar, na cantiga da agoa...

— Arre, canalhas! Estou farto.

Erguido no môrro florido, o jardim, sobranceiro á cidade, dominava-a como uma torre domina um adro, a planicie e o valle. A Cidade! E Marcos, do seu banco e através das grades que guardavam a muralha do jardim suspenso, contemplava a cidade loira debaixo do sol...

Era d'esse monstro formigante e immovel sob a luz que elle ia fugir; d'esse monstro erriçado de criaturas que asperamente se riam umas das outras, s'empurravam

umas ás outras, com a pressa de viver, com a pressa de ganhar ou com a pressa de poder! Sob a luz d'esse sol derramado sobre a cidade onde a vida resfolegava com rumôr e agonia, quantos *Marques*, áquella hora, enervados d'esse ralo de respiração feroz, contemplando a vida do alto d'um jardim ou do pôço d'uma rua, — se haviam de sentir todos estranhos nas suas almas aos interesses da cidade, nos interesses d'aquella vida! Quantos d'esses telhados musgosos, com claraboias brilhando á luz como poças d'agoa, haviam de cobrir catastrofes miudas, as montanhas de dôr em grãozinhos d'areia, por lares de miseria remediada, tócas de Bemvindos, ruas arfantes, suadas fabricas — todos gemendo as coçadas frases da derrota:

— Ai! que vida...

— Raio de vida!...

— Só a mim.

Uma colina de recortado perfil, com castellos de cartas assoprados, descia para o rio numa curva de espinha voluptuosa e alastrava escuramente na planicie.

Eram os velhos bairros da cidade pobre, aquelles onde a luz, receosa dos andrajos e das molestias, penetra com um medo he-

sitante e pallido. E ahi, visinha da multidão apressada de viver, de ganhar ou de poder, uma outra multidão se apinhava nos cortiços convulsos — toda a multidão arquejante de cuja agonia os contentes vivem a poder e a ganhar...

Levantára-se; caminhára até ás grades da muralha temerosa.

A Cidade resplandecia, com rusticos recortes provinciais entalados por entre o casario.

Num monte d'arrabalde, com quintais em declive plantados de hortas e pomarzinhos, uma ermida branca branquejava entre arvorêdo. E o rio, d'um azul d'olhos simplesmente azues, levava as suas agoas para o mar.

Encostou-se ás grades, com a cara nos varões. A muralha era alta e a pique; lá em baixo quintalejos escuros, com capoeiras e roupa a enxugar.

Ninguem. Apenas uns risinhos chalreavam. Eram crianças brincando ali perto. Mediu com os olhos a altura das grades, ensaiando, dentro de si mesmo, um esforço muscular...

Seria capaz de saltá-las? Era: sentia que era capaz: que o ensaiado esforço com que

medira, dentro da sua alma, o poder dos seus braços, lhe affirmava que era.

Um suor lento humedecia-lhe a testa.

Tinha mêdo de não poder saltar as grades! Tirou o chapeo: queria pendurar o chapeo que lhe pesava nos olhos, embaraçaria o seu salto... Que lhe importava agora o chapeo?! Pô-lo no chão, com cuidado, p'ra se não sujar... O coração saltava-lhe com resaltos de mola desmanchada. Mas parecia-lhe que s'esquecêra de qualquer coisa, que lhe era precisa qualquer coisa p'ra se poder matar... Agarrou as grades, retesando os braços.

Não seria capaz? O abismo era medonho; lá no fundo os quintais eram poços profundos... Morte certa. Mas não era morrer que elle queria? Ou era continuar a ser *Marques*, a viver a sua vida de *Marques?*... Cerrou os olhos — saltou.— Mas a lança d'uma grade furára-lhe o casaco enfunado: filára-o! E Marcos, suspenso das grades, agarrando-se ao ar com as mãos enlouquecidas, despedia com as pernas esgazeadas pontapés doidos no espaço! ..

*